

David Walliams

DIAMANTE
GIGANTESCO
aqui dentro*

*Netao o deitao



VOVÓ VIGARISTA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

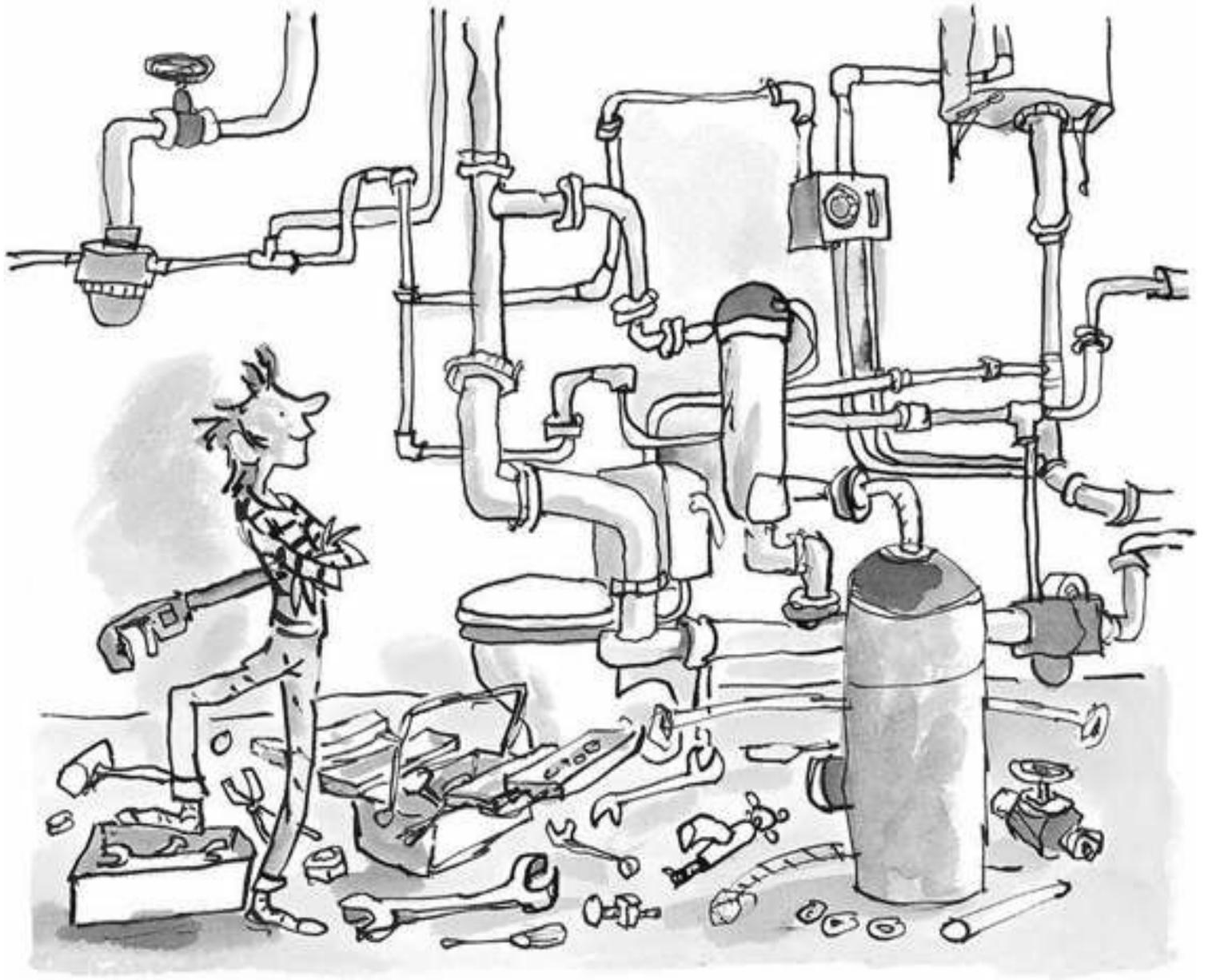
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





David Williams

VOVÓ
VIGARISTA

Ilustrações de Tony Ross
Tradução de Edmundo Barreiros



Aqui está seu
DIAMANTE!



Copyright do texto © 2011 David Walliams
Copyright das ilustrações © 2011 Tony Ross
Publicado originalmente por HarperCollins Publishers

TÍTULO ORIGINAL

Gangsta Granny

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Julio Moreira

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

ô de casa

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Flora Pinheiro

Gabriel Pereira

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-349-7

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[1 - Água repolhenta](#)

[2 - Pato grasnando](#)

[3 - Revista do Encanador](#)

[4 - Mistérios e maravilhas](#)

[5 - Um pouco triste](#)

[6 - Ovo frio e melequento](#)

[7 - Sacos de esterco](#)

[8 - Uma pequena peruca no pote](#)

[9 - A Gata Negra](#)

[10 - Tudo](#)

[11 - Chilli com linguiça](#)

[12 - Explosão de Amor](#)

[13 - Uma vida de crimes](#)

[14 - Vizinho enxerido](#)

[15 - Ousado e emocionante](#)

[16 - “N”, “A”, “O”, til: “Não”](#)

[17 - Planejando o roubo](#)

[18 - Horário de visita](#)

[19 - Um pequeno artefato explosivo](#)

[20 - Bum, bum, bum](#)

[21 - O sapato de sapateado](#)

[22 - Os valentões da gangue de lycra](#)

[23 - Pegos pela polícia](#)

[24 - Água escuras](#)

[25 - Assombrados por fantasmas](#)

[26 - Uma figura no escuro](#)

[27 - Uma audiência com a rainha](#)

[28 - Enforcados e esquartejados](#)

[29 - Polícia armada](#)

[30 - Um saco de açúcar](#)

[31 - Luz dourada](#)

[32 - Sanduíche de família](#)

[33 - Silêncio](#)

[34 - O andador](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

*Para Philip Onyango...
...o garotinho mais corajoso que conheço.*



Agradecimentos

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram com este livro.

Primeiro, ao extremamente talentoso Tony Ross, por suas ilustrações mágicas. Em seguida, a Ann-Janine Murtagh, a mente brilhante responsável pelos livros infantis da HarperCollins. A Nick Lake, meu muito dedicado editor e amigo. Aos fantásticos designers James Stevens e Elorine Grant, que fizeram o projeto de capa e miolo, respectivamente, da edição original. À meticulosa copidesque Lizzie Ryley. A Samantha White, pelo trabalho maravilhoso na divulgação dos meus livros. À querida Tanya Brennand-Roper, que produz as versões em áudio. E, é claro, ao meu agente literário da Independent, Paul Stevens, pelo grande apoio.

Mas acima de tudo gostaria de agradecer a todos que leram meus livros. Fico realmente agradecido por estarem presentes nos eventos de autógrafos, por me escreverem cartas ou enviarem desenhos. Amo contar histórias para vocês, de verdade. Espero poder criar mais algumas. Continuem a ler, é bom para vocês!

Água repolhenta

— Mas a vovó é tãããã chata! — disse Ben. Era uma noite fria de sexta-feira em novembro e, como sempre, ele estava encolhido no banco de trás do carro dos pais. Ia passar mais uma noite na temível casa da avó. — *Todos os velhos são.*

— Não fale assim da sua avó — disse o pai, com seu barrigão imprensado no volante do pequeno carro marrom da família.

— Detesto ficar com ela — protestou Ben. — A tevê daquela casa não funciona, a vovó só quer saber de fazer palavras-cruzadas comigo e além de tudo ela fede a repolho!

— Temos que ser justos com o menino: ela fede mesmo a repolho — concordou a mãe, passando um lápis de boca de última hora.

— Querida, assim você não está ajudando — resmungou o pai. — Na pior das hipóteses, mamãe tem um leve odor de legumes cozidos.

— Eu não posso ir com vocês? — implorou Ben. — Eu adoro dança de balão — mentiu.

— O nome é dança de salão — corrigiu o pai. — E você odeia isso. Uma vez até disse as seguintes palavras: “Prefiro comer meleca a ver essa bobagem.”

Já os pais de Ben realmente *adoravam* dança de salão. Às vezes o menino achava que eles gostavam mais disso do que dele. Havia um programa na tevê que passava nas noites de sábado e que seus pais nunca perdiam, *Dançando com Superestrelas*, no qual celebridades faziam par com dançarinos profissionais.

Na verdade, se um dia a casa deles pegasse fogo e a mãe tivesse que escolher entre salvar o brilhante sapato dourado de sapateado usado por Flavio Flavioli (o dançarino italiano bronzeado e bonito que aparecia em todas as edições do tal programa) ou seu único filho, Ben achava que ela provavelmente escolheria o sapato. Naquela noite, os pais estavam indo assistir a *Dançando com Superestrelas* ao vivo.

— Não sei por que você não desiste desse sonho maluco de ser encanador, Ben, e considera a ideia de se tornar um dançarino profissional — disse a mãe, fazendo um risco no rosto com o lápis de boca ao passarem por um quebra-molas especialmente capaz de quebrar as molas do carro. A mãe tinha o hábito de se maquiar no carro, o que significava que não raramente chegava aos lugares parecendo um palhaço. — E talvez, quem sabe, você acabe aparecendo no *Dançando com Superestrelas*! — acrescentou ela, empolgada.



— Porque acho ridículo ficar saltando de um lado para o outro que nem um macaco — disse Ben.

Soltando um muxoxo de ofendida, a mãe pegou um lenço de papel.

— Você está deixando sua mãe triste. Agora fique quieto, Ben, por favor, como o bom menino que você é — interveio o pai com firmeza, e aumentou o som do carro.

Para variar, estava tocando o CD do *Dançando com Superestrelas*. Uma etiqueta na capa dizia: *Cinquenta Clássicos Inesquecíveis do Grande Sucesso da Tevê*. Ben odiava aquele CD, no mínimo por já tê-lo escutado mais de um milhão de vezes. Na verdade, já ouvira tanto aquelas músicas que agora lhe pareciam instrumentos de tortura.

A mãe de Ben era manicure no salão do bairro, o Elza Embeleza. Como não tinham muitas clientes, ela e a outra mulher que trabalhava lá (que obviamente se chamava Elza) passavam o dia fazendo as unhas uma da outra. Tiravam a cutícula, lixavam, limpavam, hidratavam, passavam base, esmalte, óleo secante e extrabrilho. Elas cuidavam das unhas o dia inteiro (a menos que Flavio Flavioli estivesse em algum programa vespertino na tevê). Isso significava que a mãe dele sempre chegava em casa com unhas postiças muito compridas e multicoloridas nos dedos.

Já o pai de Ben trabalhava como segurança de supermercado. O ponto alto de sua carreira de vinte anos até então tinha sido flagrar um idoso que estava com dois potes de margarina escondidos na calça.

Apesar de agora estar gordo demais para correr atrás de qualquer ladrão, ele com certeza poderia bloquear a porta e impedir uma fuga. Os dois, mãe e pai, se conheceram quando ele a acusou equivocadamente de furtar um saco de batatas fritas. Menos de um ano depois estavam casados.

Virando a esquina, eles chegaram a Grey Close, onde ficava a casinha da vovó. Era apenas mais um de uma série de chalés pequenos e tristes, habitados principalmente por gente velha.

O carro parou, e Ben lentamente virou a cabeça na direção da casa: lá estava a avó, olhando ansiosa pela janela da sala. Esperando. Esperando. Ela sempre estava à janela à espera dele.

Há quanto tempo ela está ali?, pensou Ben. *Desde a semana passada?*

Ben era seu único neto, e, pelo que ele sabia, ninguém mais a visitava.

Vovó acenou para ele e abriu um pequeno sorriso. Rabugento como estava, o menino só conseguiu retribuir com um sorrisinho indeciso.

— Bem, voltaremos para buscar você amanhã de manhã, por volta das onze — disse o pai, sem nem mesmo desligar o carro.

— Não pode ser às dez?

— Ben! — rosnou o pai.

Ele soltou a trava da porta e Ben saiu do carro resmungando. Ele não precisava mais da trava, é claro: tinha onze anos e era muito improvável que tentasse abrir a porta enquanto o carro estivesse em movimento. Suas suspeitas eram de que o pai só usava aquilo quando ia levá-lo à casa da avó, para impedi-lo de fugir. A porta bateu depois que ele saiu e o motor tornou a acelerar.

Antes que pudesse tocar a campainha, a vovó abriu a porta. Ben foi atingido no rosto por uma lufada bem forte de cheiro de repolho. Era como uma bofetada de fedor.

Ela era bem parecida com aquelas vovós que aparecem nas histórias infantis:

Pato grasnando

Em pouco tempo, avó e neto estavam sentados um de frente para o outro em silêncio mortal à mesa da sala de jantar. Como em todas as noites de sexta-feira.

Quando os pais de Ben não estavam vendo seu programa favorito na tevê, estavam encomendando comida indiana ou indo ao cinema. A noite de sexta era a “noite de namoro” deles, e desde que se entendia por gente Ben era deixado na casa da avó quando os pais saíam. Se não fossem assistir a *Dançando com Superestrelas ao vivo!*, eles normalmente iam ao Taj Mahal (o restaurante indiano da rua principal, não o antiquíssimo monumento de mármore da Índia) e comiam toneladas de paparis.

Os únicos sons na casa eram o tiquetaquear do antigo relógio de corda que ficava sobre a lareira, o tilintar das colheres de metal nos pratos de porcelana e, de vez em quando, um zunido alto vindo do aparelho auditivo defeituoso da vovó.

Essa era uma das coisas que Ben mais odiava na avó. As outras eram:

1) Ela sempre cuspi no lenço usado que guardava na manga do casaco, o mesmo lenço que esfregava no rosto do neto.

2) A tevê dela estava quebrada desde 1992. No momento, a camada de poeira que a cobria parecia o pelo de um animal, de tão grossa.

3) A casa era repleta de livros, e ela vivia tentando convencer Ben a ler algum deles, apesar de ele odiar ler.

4) Ela insistia para que todo mundo usasse casacos pesados de inverno o ano inteiro, mesmo em dias de calor escaldante, do contrário não iriam “sentir os benefícios”.

5) Ela fedia a repolho. (Pessoas alérgicas a repolho não poderiam ficar nem a dez quilômetros dela.)

6) Sua ideia de um animado passeio ao ar livre era dar migalhas de pão velho para os patos do laguinho.

7) Ela soltava pum o tempo todo sem nem perceber.

8) Os puns não fediam apenas a repolho. Fediam a repolho podre.

9) Ela mandava você ir dormir tão cedo que praticamente nem valia a pena acordar.

10) No Natal, ela sempre dava a seu único neto um suéter que ela mesma tricotava, sempre com estampa de cachorrinhos ou gatinhos, que ele era obrigado pelos pais a usar durante todo período de festas.

— A sopa está gostosa? — perguntou a avó.

Ben tinha passado os últimos dez minutos remexendo aquele líquido ralo e verde-claro na tigela lascada, torcendo para que de algum modo sumisse.

Mas não sumia.

E agora estava esfriando.

Pedaços frios de repolho flutuavam na água fria e repolhenta.

— Hã... Está deliciosa, obrigado — respondeu Ben.

— Que bom.



Tique-taque tique-taque.

— Que bom — repetiu a velhinha.

Tlec. Tlec.

— Que bom.

Pelo visto ela achava tão difícil conversar com Ben quanto ele com ela.

Tlec tlec. Pffffff.

— Como vai a escola? — perguntou ela.

— Uma chatice — resmungou Ben.

Os adultos sempre perguntam às crianças como elas estão na escola. O assunto que as crianças mais detestam. Não dá vontade de falar sobre a escola nem quando se *está na* escola.

— Ah — disse a vovó.

Tique-taque tlec tlec pffff tique-taque.

— Bem, vou dar uma olhada no forno — disse a vovó depois que a longa pausa na conversa se estendeu até uma pausa *muito* longa. — Sua torta de repolho preferida já está quase pronta.

Ela se levantou lentamente e se dirigiu à cozinha. A cada passo soltava gases do traseiro flácido. Parecia um pato grasnando. Ou ela não se dava conta da própria flatulência ou era muito boa em fingir que não se dava conta.

Ben esperou que ela se afastasse para só então atravessar a sala furtivamente. Aquilo era difícil, porque havia pilhas de livros por toda parte. A avó de Ben AMAVA livros, e vivia com o nariz enfiado neles. Havia livros por todas as prateleiras, no peitoril das janelas, empilhados nos cantos.

Ela adorava romances policiais. Livros sobre vigaristas, ladrões de banco, a máfia e coisas assim. Ben não sabia bem a diferença entre gângster e vigarista, mas vigarista parecia bem pior.

Apesar de detestar ler, Ben adorava ver as capas dos livros de sua avó: mostravam imagens de carros velozes, armas e mulheres glamourosas, e ele não conseguia acreditar que aquela avó velha e entediante gostasse de ler histórias que pareciam tão emocionantes.

Por que ela tem essa obsessão por vigaristas?, pensou Ben. *Vigaristas não vivem em casinhas como esta. Vigaristas não fazem palavras-cruzadas. Vigaristas provavelmente não fedem a repolho.*

Ben lia muito devagar, e seus professores faziam com que ele se sentisse burro por não conseguir acompanhar os outros alunos. A diretora chegara a colocá-lo em uma turma um ano abaixo, na esperança de que assim ele melhorasse na leitura. Como consequência, todos os seus amigos estavam um ano à frente, e ele se sentia quase tão solitário na escola quanto em casa, com pais que só ligavam para dança de salão.

Por fim, depois de quase derrubar uma pilha de livros sobre crimes reais, Ben chegou ao vaso de planta que havia em um canto.

Rapidamente derramou o que restava da sopa lá dentro. A planta parecia estar quase

morta, e se ainda não estivesse, a sopa de repolho fria da vovó com certeza acabaria com ela.

De repente ele ouviu novamente o grasnado do traseiro da avó, que retornava da cozinha, então correu de volta para a mesa. Ficou ali sentado, tentando parecer o mais inocente possível, com o prato vazio a sua frente e a colher na mão.

— Terminei a sopa. Obrigado, vovó, estava uma delícia!

— Que bom — disse a velhinha, arrastando-se de volta até a mesa onde uma caçarola estava sobre uma bandeja. — Eu tenho muito mais aqui para você, rapazinho!

E, com um sorriso, ela encheu novamente a tigela dele. Ben, aterrorizado, engoliu em seco.

Revista do Encanador

— Não estou conseguindo achar a *Revista do Encanador*, Raj — disse Ben.

Era a sexta-feira seguinte, e o garoto estava revirando a banca do jornaleiro. Não conseguia encontrar sua publicação favorita em lugar nenhum. A revista era dedicada a encanadores profissionais, e Ben ficava encantado com páginas e mais páginas sobre canos, torneiras, caixas de descarga, cisternas, aquecedores, tanques e drenos. A *Revista do Encanador* era a única coisa que ele gostava de ler, principalmente porque era cheia de ilustrações e diagramas.

Desde que tinha idade o bastante para agarrar coisas, Ben *amava* coisas de encanamento. Enquanto as outras crianças brincavam com patinhos na banheira, ele pedia aos pais pedaços de cano e fazia sistemas complexos de canalização de água. Se uma torneira começava a vaziar em casa, ele consertava. Se um vaso sanitário entupia, Ben não ficava com nojo, ficava em êxtase!

Os pais de Ben, porém, não aprovavam esse sonho de ser encanador. Queriam que ele fosse rico e famoso, e, pelo que sabiam, nunca existiu um encanador rico e famoso. O que Ben tinha de lento na leitura ele tinha de talentoso em trabalhos manuais, e ficava simplesmente fascinado quando um encanador aparecia na casa deles para consertar algum vazamento. Observava-o encantado, assim como um jovem médico ficaria se visse um grande cirurgião fazer uma operação em um anfiteatro.

Mas ele sempre sentira que era uma decepção para seus pais. Os dois queriam desesperadamente que o menino realizasse o que eles nunca tinham conseguido: tornar-se dançarino profissional. Ambos tinham descoberto a paixão pela dança de salão tarde demais para se tornarem campeões de concursos. E, para sermos honestos, eles pareciam preferir ficar sentados diante da tevê, em vez de realmente participar das competições.

Assim, Ben mantinha sua paixão em segredo. Para evitar magoar os pais, escondia seus exemplares da *Revista do Encanador* embaixo da cama. E o menino tinha combinado com Raj que toda semana o jornaleiro separasse para ele o novo número da revista. Agora, porém, ele não conseguia encontrá-la em lugar nenhum.

Ele já tinha procurado atrás da *Puro Heavy Metal*, da *Fofocas do Momento* e até atrás da *Mulher* (não uma mulher de verdade, estou falando da revista *Mulher*), mas nada. A banca de Raj era uma bagunça completa, mas as pessoas percorriam quilômetros só para comprar ali, porque ele era extremamente simpático e conseguia fazer todos sorrirem.

Raj estava no alto de uma escada colocando a decoração de Natal. Quer dizer, a “decoração de Natal” dele era uma faixa de “Feliz Aniversário” com a palavra “Aniversário”

coberta de corretivo branco e “Natal” rabiscado com caneta esferográfica por cima.

Raj desceu com cuidado da escada para ajudar Ben em sua busca.

— *A Revista do Encanador...* Hum... Deixe-me pensar, você procurou atrás das balas de caramelo?

— Procurei — respondeu Ben.

— E não está embaixo dos livros de colorir?

— Não.

— Procurou atrás das jujubas?

— Procurei.

— Puxa, isso é um grande mistério. Tenho certeza de que encomendei uma para você, meu jovem. Huum, um grande mistério... — Raj estava falando bem devagar, do jeito que as pessoas fazem quando estão pensando. — Sinto muito, Ben, sei que você adora essa revista, mas não tenho ideia de onde esteja. Eu tenho é uma boa promoção de sorvete Cornetto.

— Estamos no inverno, Raj, está congelando lá fora! — disse Ben. — Quem vai querer tomar sorvete nesse tempo?

— Todo mundo, quando souberem da minha oferta especial! Escute só isso: compre vinte e três Cornettos e ganhe um de graça!

— Mas o que é que eu ia fazer com vinte e quatro sorvetes?! — exclamou Ben, com uma risada.

— Hã... Bem, não sei, você podia tomar doze e guardar os outros doze no bolso para saborear depois.

— É muito sorvete, Raj. Por que você está tão ansioso para se livrar deles?

— O prazo de validade termina amanhã — explicou o jornaleiro, que se debruçou sobre o freezer, deslizou a porta de vidro e tirou uma caixa de papelão cheia de Cornettos. Uma névoa congelante imediatamente tomou conta de toda a banca. — Veja: “Consumir até 15 de novembro.”



Ben examinou a caixa.

— Aí diz “Consumir até 15 de novembro de 1996”.

— Pois então — disse Raj. — Mais um motivo para fazer essa promoção. Olhe, Ben, é minha última oferta: compre uma caixa de sorvetes e eu lhe dou dez caixas totalmente de graça!

— Sério, Raj, não, obrigado.

Ben então aproveitou para olhar o interior do freezer e ver o que mais podia estar escondido ali. O aparelho nunca tinha sido descongelado, e não seria surpresa para o garoto encontrar um mamute peludo da Era do Gelo perfeitamente preservado lá dentro.

— Espere aí, Raj — disse Ben, afastando do caminho alguns Cornettos cobertos de gelo. — Está aqui! *A Revista do Encanador!*

— Ah é, agora lembro — disse Raj. — Botei ela aí para que ficasse fresquinha para você.

— Fresquinha?

— Ora, meu rapaz, a revista chega na terça, e hoje é sexta. Então eu a guardei no freezer para que ficasse fresquinha para você. Não queria que estragasse.

Ben não sabia como uma revista poderia algum dia estragar, mas agradeceu assim mesmo.

— Foi muito legal da sua parte. E eu vou levar também um pacotinho de chocolates recheados, por favor.

— Posso lhe oferecer setenta e três pacotes de chocolate recheado pelo preço de setenta e dois! — exclamou o jornalista, com um sorriso que supostamente deveria ser convincente.

— Não, obrigado, Raj.

— Mil pelo preço de novecentos e noventa e oito?

— Não, obrigado.

— Você ficou louco, Ben? É uma promoção e tanto. Tudo bem, tudo bem, você sabe pechinchar, garoto. Um milhão e sete pacotes pelo preço de um milhão e quatro. São três pacotes completamente de graça!

— Vou levar um só e a revista, obrigado.

— É claro, meu jovem!

— Mal posso esperar para ler a *Revista do Encanador* mais tarde. Hoje vou ter que passar a noite na casa da chata da minha avó.

Tinha se passado uma semana desde a última visita de Ben e a temida sexta-feira chegara outra vez. Os pais dele iam ver um “filme meloso”, segundo a mãe. Romance, beijos, esse tipo de nojeira. Eca.

— *Tsc, tsc, tsc* — disse Raj, balançando a cabeça enquanto contava o troco.

Imediatamente Ben ficou envergonhado. Ele nunca tinha visto o jornalista fazer isso antes. Como todos os outros garotos do bairro, Ben via Raj como “um de nós”, não “um deles”. Ele era tão cheio de vida e bom humor que parecia viver em um mundo distante de pais, professores e todos os adultos que achavam que podiam dar bronca em meninos como Ben só por serem grandes.

— Não é porque sua avó é velha, meu jovem — disse Raj —, que ela tem que ser chata. Eu mesmo já estou ficando um pouco velho. E todas as vezes que encontrei sua avó, eu a achei uma senhora muito interessante.

— Mas...

— Não seja tão duro com ela — pediu Raj. — Todos vamos ficar velhos um dia. Até você. E aposto que sua avó tem um ou dois segredinhos. Todo velho tem...

Mistérios e maravilhas

Ben não tinha tanta certeza de que Raj estava certo sobre sua avó. Aquela noite foi a mesma história de sempre. Vovó lhe deu sopa de repolho, seguida de torta de repolho e, de sobremesa, uma musse de repolho. Ela conseguira até achar em algum lugar um chocolate com sabor de repolho.* Depois do jantar, Ben e sua avó se sentaram juntos no sofá mofado, como sempre faziam.

— Hora das palavras-cruzadas! — exclamou ela.

Maravilha, pensou Ben. *Esta noite vai ser um milhão de vezes mais chata que a da semana passada!*

Ben detestava palavras-cruzadas. Se pudesse, ele construiria um foguete e mandaria todas as revistas de palavras-cruzadas para o espaço. Vovó pegou umas revistinhas velhas e empoeiradas da estante da sala e as deixou em cima do pufe.

Ben ficou olhando para os quadradinhos em branco pelo que lhe pareceram décadas, mas provavelmente tinham sido apenas horas, antes de examinar as definições. Ele já tinha preenchido (prestando atenção apenas ao número de letras das casas):

CHATA

VELHA

GRASNAR (esta até se encaixava na definição)

INÚTIL

FUTUM (esta tinha uma letra a mais)

RUGAS

REPOLHENTA

FUGIR

SOCORRO

ODEIOESTEJOGOIDIOTA (a avó não permitiu esta porque obviamente não era uma palavra)

Faltava apenas uma palavra. Vovó tinha acabado de ler: “Itens da coleção do filatelista”, e Ben simplesmente escreveu “tédio”.

— Ora, já são quase oito horas, meu rapaz — anunciou a vovó, olhando para seu pequeno relógio de pulso dourado. — Hora de dar boa-noite e ir para a caminha...

Ben urrou de raiva por dentro. Caminha! Ele não era um bebê.

— Mas na minha casa eu só vou dormir às nove! — protestou ele. — E só às dez quando não tenho aula no dia seguinte.

— Não, Ben, você vai para a cama, por favor. — A velhinha podia ser bastante firme quando queria. — E não se esqueça de escovar os dentes. Já vou subir para lhe contar uma história para dormir, se quiser. Você sempre adorou ouvir histórias antes de dormir.

* * *

Mais tarde, Ben estava de pé em frente à pia do banheiro. Era um cômodo úmido, frio e sem janelas. Alguns azulejos haviam caído das paredes. Havia apenas uma toalhinha triste e puída e um sabonete usado que parecia ser metade sabonete, metade mofo.

Ben odiava escovar os dentes. Por isso apenas fingiu escová-los.

Fingir escovar os dentes é simples. Não diga a seus pais que contei a você, mas se quiser experimentar, basta seguir este prático guia passo a passo:



1) Abra a torneira



2) Molhe a escova de dentes



3) Coloque um pouquinho de pasta no dedo e enfie o dedo na boca



4) Usando a língua, esfregue essa quantidade ridícula de pasta por toda a boca



5) Cuspa



6) Feche a torneira

Viu? É muito fácil. Quase tão fácil quanto escovar os dentes.

Ben se olhou no espelho do banheiro. Tinha onze anos, mas era mais baixo do que gostaria, então se esticou e ficou um instante na ponta dos pés. Estava louco para ficar mais velho logo.

Só mais alguns anos, pensava, e seria mais alto, mais peludo, cheio de espinhas, e suas noites de sexta-feira seriam bem diferentes.

Não precisaria mais ficar na casa da avó velha e chata. Em vez disso, poderia fazer todas as coisas emocionantes que os garotos mais velhos da cidade faziam nas noites de sexta:

Sair por aí com os amigos e bater papo em frente à loja de bebidas até serem expulsos por alguém.

Ou, em vez disso, ficar sentado no ponto de ônibus mascarando chiclete perto de garotas com roupa de ginástica sem nunca pegar ônibus algum, na verdade.

Sim, um mundo de mistérios e maravilhas o aguardava.

Por enquanto, porém, apesar de ainda estar claro lá fora e ele poder ouvir os garotos jogando futebol no parque ali perto, era hora de ir para a cama. Uma cama pequena e dura em um quatinho frio na casinha velha de sua avó. Que fedia a repolho.

E não fedia pouco.

Era muito.

Com um suspiro, Ben entrou debaixo das cobertas.

Nesse instante sua avó abriu delicadamente a porta do quarto. Ele fechou os olhos e fingiu estar dormindo. Ela se aproximou da cama, e Ben por um momento sentiu sua presença ali junto dele.

— Eu ia lhe contar uma história para dormir — sussurrou ela. Quando ele era menor, ela sempre lhe contava histórias de piratas, ladrões e gênios do crime, mas agora ele estava velho demais para essas bobagens. — Que pena que você já está dormindo — disse ela. — Bem, eu só queria dizer que amo você. Boa noite, meu pequeno Benny.

Ele também odiava que o chamassem de Benny.

E de “pequeno”.

E o pesadelo não terminou por aí: Ben sentiu a avó se curvando para beijá-lo. Os pelos duros do queixo dela roçaram desconfortavelmente em seu rosto. Depois ele ouviu o ruído familiar e ritmado do traseiro dela grasnando a cada passo. Ela foi grasnando até a porta e a fechou ao sair, prendendo o fedor dentro do quarto.

Já chega, pensou Ben. Eu tenho que fugir!

* Chocolates com sabor de repolho não são tão gostosos quanto podem parecer. Na verdade, nem parecem muito gostosos.

Um pouco triste

Rrrrrrrrrrrrrrrroooooonnnnnnnnnnc....

pppppppppppffffffffffiiiiissssssssss...

rrrrrrrrrrrrrrroooooonnnnnnnccccccc... pppppppppppffffffffffiiiiissssssssss...

Não, leitor, você não comprou por engano a edição em suaíli deste livro. Esse é o barulho pelo qual Ben estava esperando.

O ronco da avó.

Ela estava dormindo.

Rrrrrrrrrrrrrrrroooooonnnnnnnnnnc....

pppppppppppffffffffffiiiiissssssssss...

rrrrrrrrrrrrrrroooooonnnnnnnccccccc... pffiiiiissss...

Ben saiu do quarto às escondidas e foi até o telefone, no corredor. Era um daqueles aparelhos antigos que ronronavam como um gato a cada número discado.

— Mãe...? — murmurou ele.

— NÃO ESTOU OUVINDO VOCÊ DIREITO! — gritou ela em resposta. Havia jazz tocando alto ao fundo. Os pais dele tinham ido assistir a *Dançando com Superestrelas ao vivo!* outra vez. Ela devia estar babando por Flavio Flavioli e seu gingado de quadris que deixava milhares de mulheres já de certa idade apaixonadas. — Qual o problema? Está tudo bem? A velha não morreu, né?

— Não, ela está bem, mas eu odeio ficar aqui. Vocês não podem vir me buscar? Por favor — murmurou Ben.

— Flavio ainda nem fez a segunda apresentação.

— Por favor — implorou ele. — Eu quero ir para casa. A vovó é um saco. Ficar com ela é uma tortura.

— Fale com seu pai.

Ben ouviu um som abafado enquanto ela passava o telefone.

— ALÔ? — gritou o pai.

— Por favor, fale baixo!

— O QUÊ? — gritou ele outra vez.

— *Shhhh*. Fale baixo. Você vai acordar a vovó. Vocês podem vir me buscar? Por favor? Eu odeio ficar aqui.

— Não, não podemos. Um show desses só se vê uma vez na vida.

— Mas vocês viram na sexta-feira passada! — protestou Ben.

— Duas vezes na vida, então.

— E vocês disseram que vão sexta que vem de novo!

— Olhe, se continuar a falar comigo nesse tom, rapazinho, você vai ficar com ela até o

Natal. Tchau!

E o pai desligou. Ben recolocou o fone no gancho com cuidado e o aparelho fez um *ting* baixinho.

De repente, ele percebeu que o ronco da avó havia parado.

Será que ela tinha ouvido o que ele dissera? Ele olhou para trás e pensou ter visto a sombra dela, mas o vulto logo desapareceu.

Era verdade que Ben achava a avó insuportavelmente chata, mas não queria que ela soubesse disso. Afinal de contas, ela era uma viúva solitária e seu marido havia morrido fazia muito tempo, Ben nem era nascido na época. Cheio de remorso, ele voltou de fininho para o quarto e esperou o dia amanhecer. Esperou, esperou, esperou...

* * *

No café da manhã, a vovó parecia diferente.

Mais quieta. Talvez mais velha. Um pouco triste.

Seus olhos estavam avermelhados, como se ela tivesse chorado.

Será que ela ouviu?, pensou Ben. *Tomara que não tenha escutado, tomara mesmo.*

Ela estava de pé junto ao fogão, e Ben sentado à minúscula mesa da cozinha. A vovó fingia estar ocupada observando seu calendário, que estava pregado na parede ao lado do fogão. Ben sabia que ela estava fingindo, pois não havia nada de interessante marcado ali.

Aquela era uma semana típica na vida frenética da vovó:

Segunda-feira: Cozinhar sopa de repolho. Fazer palavras-cruzadas. Ler um livro.

Terça-feira: Preparar torta de repolho. Ler outro livro. Soltar pum.

Quarta-feira: Preparar o prato “Surpresa de Chocolate”. A surpresa é que não tem nada de chocolate na receita. Na verdade é cem por cento repolho.

Quinta-feira: Chupar uma bala de menta o dia inteiro. (Ela conseguia fazer uma pastilha durar uma eternidade.)

Sexta-feira: Continuar a chupar a mesma bala de menta. Visita do meu neto maravilhoso.

Sábado: Meu neto maravilhoso vai embora. Aproveitar para relaxar um bom tempo no banheiro. Fazendo número dois!

Domingo: Comer repolho assado com repolho frito e cozido. Soltar pum o dia inteiro.

Por fim, vovó finalmente tirou os olhos do calendário.

— A mamãe e o papai já devem estar chegando — disse ela, quebrando o silêncio.

— É — concordou Ben, olhando para o relógio de pulso. — Só mais alguns minutos.

Os minutos pareceram horas. Dias, até. Meses!

Um minuto pode demorar muito a passar. Não acredita? Então se sente sozinho em um quarto e não faça nada além de contar até sessenta.

Já fez essa experiência? Não acredito em você. Não estou brincando. Quero que vá lá e faça isso.

Não vou continuar a história até você fazer.

Quem está perdendo tempo aqui não sou eu.

Eu tenho o dia inteiro.

E aí, já terminou? Muito bem. Agora de volta à história...

* * *

Logo depois das onze o pequeno carro marrom parou em frente à casa. Como o motorista na fuga de um assalto a banco, a mãe de Ben nem desligou o motor. Ela apenas abriu a porta para que Ben entrasse logo e eles pudessem sumir dali.

Ben se dirigiu para o carro e vovó ficou parada na porta.

— Não quer entrar para tomar uma xícara de chá, Linda? — gritou ela.

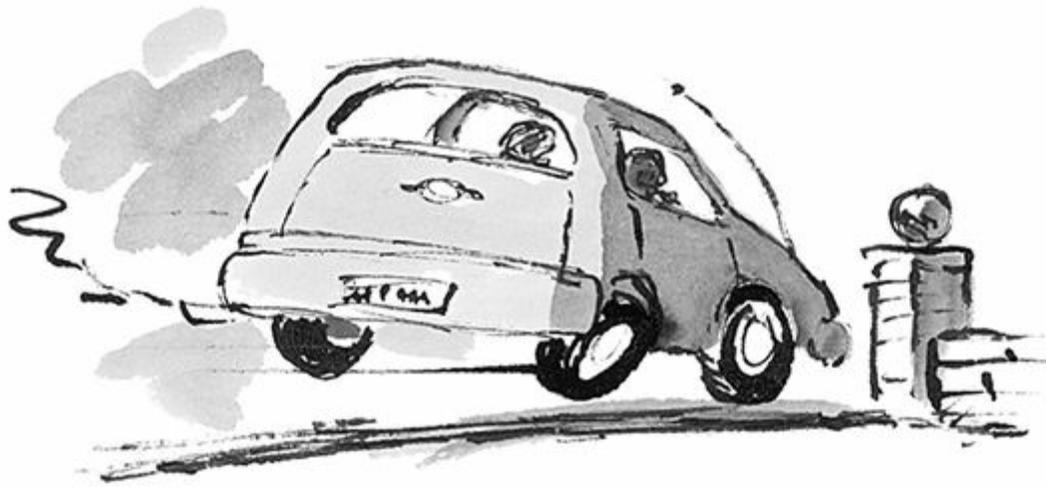
— Não, obrigada — respondeu a mãe de Ben. — Rápido, menino, pelo amor de Deus, entre depressa no carro! — Ela logo acelerou. — Não quero ter que conversar com essa velhota.

— *Shhhh!* — fez Ben. — Ela vai ouvir você.

— Achei que você não gostasse da vovó — disse a mãe.

— Eu não falei isso, mãe. Falei que achava ela chata. Mas não quero que *ela* saiba disso, entendeu?

A mãe riu enquanto eles se afastavam rapidamente dali.



— Não precisa se preocupar, Ben, sua avó não está muito bem da cabeça mesmo. A maior parte do tempo nem deve entender o que você diz.

Ben fechou a cara. Ele não tinha tanta certeza disso. Não mesmo. Ele se lembrava do rosto da avó à mesa do café. De repente, teve a terrível sensação de que ela entendia muito mais do que ele jamais havia imaginado...

Ovo frio e melequento

Aquela noite de sexta tinha tudo para ser tão incrivelmente chata quanto a última, mas dessa vez Ben se lembrou de levar consigo sua revista. Mais uma vez, os pais o largaram na casa da avó.

Assim que chegou, Ben passou correndo pela velhinha e foi direto para o quarto gelado e bolorento, onde, de porta fechada, leu o último exemplar inteirinho da *Revista do Encanador*. Havia um guia maravilhoso com um monte de fotos coloridas mostrando como instalar a mais nova geração de aquecedores híbridos. Ben dobrou o canto da página. Agora ele sabia o que queria de Natal.

Quando terminou, ele suspirou e foi para a sala. Sabia que não podia passar a noite inteira no quarto.

A avó ergueu os olhos e sorriu ao vê-lo.

— Hora das palavras-cruzadas! — exclamou ela, animada, a revista nas mãos.

* * *

Na manhã seguinte, o silêncio pesava no ar.

— Mais um ovo cozido? — perguntou a vovó.

Os dois estavam sentados na pequena e envelhecida cozinha.

Ben não gostava de ovo cozido. Nem tinha terminado o primeiro. A avó conseguia arruinar até comidas simples como aquela. O ovo sempre ficava mole demais, e a torrada, preta de tão queimada. Quando a velhinha não estava olhando, Ben jogava o ovo pela janela e escondia a torrada atrás da torradeira. Àquela altura devia haver uma montanha delas ali.

— Não, obrigado, vovó. Estou cheio — respondeu Ben. — O ovo estava delicioso — acrescentou.

— Huuum... — murmurou a velhinha, desconfiada. — Está um pouquinho frio, vou colocar um casaco — disse, apesar de já estar vestindo dois.

E lá se foi ela, saindo lentamente da cozinha e grasnando pelo caminho.

Ben tratou de procurar alguma coisa para comer. Ele sabia que a avó tinha um esconderijo secreto cheio de biscoitos de chocolate na prateleira mais alta. Ela sempre lhe dava um no dia do aniversário dele. Ben também pegava um por conta própria às vezes, quando os quitutes de repolho da avó o deixavam faminto.

Então ele rapidamente empurrou a cadeira para perto do armário e subiu para alcançar os biscoitos. Pegou a lata comemorativa dos 25 anos de coroação da rainha Elizabeth II, em

1977, que tinha na tampa um retrato arranhado e esmaecido da monarca. A lata parecia muito pesada. Bem mais que o normal.

Estranho.

Ben a sacudiu. Não parecia estar cheia de biscoitos, era como se tivesse pedras ou bolas de gude.

Ainda mais estranho.

Ele abriu a tampa.

E olhou lá dentro.

E continuou olhando.

Ele não podia acreditar no que via. Diamantes! Anéis, pulseiras, colares, brincos, tudo com enormes e brilhantes diamantes. Diamantes e mais diamantes!

Ben não era especialista, mas achou que devia haver milhares de libras em joias dentro da lata de biscoito, talvez milhões.

De repente ouviu a avó e seu grasnar voltando à cozinha. Botou a tampa de volta na lata de qualquer jeito e a lata, na prateleira. Pulou para o chão, arrastou a cadeira até o lugar e se sentou à mesa.



Ao olhar para a janela, percebeu que o ovo que tinha arremessado não chegara até o jardim, mas se espatifara no vidro. Se aquilo secasse, a vovó ia precisar de um maçarico para arrancar a crosta que se formaria. Então ele correu até a janela e lambeu o ovo frio e melequento do vidro e voltou para o lugar. Era repugnante demais para engolir, por isso, em

pânico, Ben ficou com aquilo na boca.

Vovó chegou arrastando os pés e usando seu terceiro casaco. Sem nunca parar de grasnar.

— É melhor vestir um agasalho, rapazinho. A mamãe e o papai vão chegar a qualquer instante — disse ela com um sorriso.

Ben relutantemente engoliu o ovo frio e melequento, que escorregou por sua garganta. *Eca, eca, eca demaaaaais.*

— Claro — disse ele, temendo vomitar o ovo de volta na janela.

Ovo mexido.

Sacos de esterco

— Posso ficar na casa da vovó de novo hoje de noite? — perguntou Ben, do banco de trás do pequeno carro marrom de seus pais.

Os diamantes que ele encontrara na lata de biscoitos eram um grande enigma, e ele estava louco para investigar. Talvez até procurar em cada canto, cada fresta da casa da velhinha. Aquilo tudo era um grande mistério! Bem que Raj tinha dito que a avó de Ben podia esconder um ou dois segredos. Parecia que o jornaleiro tinha razão! E, fosse qual fosse o segredo dela, devia ser algo bem surpreendente para explicar todos aqueles diamantes. Será que ela já fora uma zilionária? Ou será que havia trabalhado em uma mina de diamantes? Ou aquilo tudo seria um presente que recebera de alguma princesa? Ben mal podia esperar para descobrir.

— O quê? — perguntou o pai, atônito.

— Mas você disse que ela é chata — falou a mãe, igualmente atônita, até um pouco irritada. — Que todos os velhos são chatos.

— Eu só estava brincando — disse Ben.

O pai o observou pelo espelho retrovisor. Ele já achava bem difícil entender o filho e aquela obsessão por encanamento. Mas, naquele momento, o que Ben estava dizendo simplesmente não fazia sentido algum.

— Hum... ora, se você tem certeza, Ben...

— Tenho certeza, pai.

— Vou ligar para ela quando chegarmos em casa. Só para confirmar que ela não vai sair.

— Sair! — zombou a mãe. — A pobre da velha não sai de casa há vinte anos! — acrescentou, com uma risadinha.

Ben não conseguia ver o que aquilo tinha de engraçado.

— Eu a levei ao centro de jardinagem aquela vez — protestou o pai.

— Só porque você precisava de alguém para ajudar a carregar um monte de sacos de esterco — retrucou a mãe.

— Mas ela se divertiu à beça com o passeio — disse o pai, parecendo ofendido.

* * *

Mais tarde, sentado sozinho em sua cama, Ben sentia que sua mente estava a mil.

Onde será que a vovó pode ter arranjado aqueles diamantes?

Quanto será que valem?

Por que ela mora naquela casinha deprimente se é tão rica?

Ben vasculhou a própria cabeça em busca de uma resposta, mas não achou nenhuma.

Então o pai dele entrou no quarto.

— A vovó já tem um compromisso. Disse que ia adorar ver você, mas vai sair esta noite — anunciou ele.

— O quê?! — exclamou Ben, praticamente gaguejando de surpresa.

A vovó quase nunca saía de casa. Ben tinha visto no calendário dela. O mistério estava ficando cada vez mais misterioso...

Uma pequena peruca no pote

Ben se escondeu nas moitas que ficavam em frente ao chalé da avó. Enquanto os pais estavam lá embaixo na sala assistindo a *Dançando com Superestrelas*, ele descera pela calha que passava pela janela de seu quarto e pedalara os oito quilômetros até a rua da avó.

Só isso já mostrava como Ben tinha ficado curioso em relação à velhinha. Ele não gostava de andar de bicicleta. Seus pais viviam tentando incentivá-lo a fazer mais exercícios. Diziam que estar em forma era um requisito primordial para quem quisesse ser dançarino profissional. Mas como não fazia muita diferença para alguém deitado embaixo de uma pia instalando um pedaço novo de cano de cobre, Ben nunca tinha feito nenhum exercício por vontade própria.

Até agora.

Se a vovó ia mesmo sair pela primeira vez em vinte anos, Ben tinha que saber aonde ela ia. Isso podia ser a chave do mistério, a explicação para aquele monte de diamantes que ele encontrara na lata de biscoitos.

Por isso o menino agora bufava e ofegava em sua bicicleta velha e barulhenta, pedalando ao longo da margem do canal até chegar a Grey Close. A única coisa boa era que, como era quase inverno, Ben tinha apenas uma leve camada de suor, em vez de estar totalmente encharcado.

Ele foi depressa porque sabia que não tinha muito tempo. O *Dançando com Superestrelas* parecia durar horas, até mesmo dias, mas Ben levava meia hora só para chegar à casa da avó, e assim que o programa terminasse a mãe ia chamá-lo para lanchar. Os pais dele adoravam todos os programas de dança que passavam na tevê — como *Dançando no Gelo* e *Você Acha Mesmo que Sabe Dançar?* —, mas eram completamente obcecados pelo *Dançando com Superestrelas*. Gravavam todos os episódios e tinham uma insuperável coleção de lembranças do programa, incluindo:

- Uma sunguinha verde-limão usada por Flavio Flavioli, emoldurada junto com uma foto dele vestindo a tal peça.
- Um marcador de livros em autêntica imitação de couro, exclusivo do *Dançando com Superestrelas*.
- Uma espécie de talco para pé de atleta, o frasco autografado pela parceira de dança profissional de Flavio, a bela austríaca Eva Bunz.
- As polainas oficiais de Flavio Flavioli e Eva Bunz.
- Um CD com músicas que quase foram incluídas no programa.



- Uma pequena peruca guardada em um pote, que tinha sido usada pelo apresentador, Sir Dirk Doddery.
- Uma foto em tamanho real de Flavio Flavioli, daquelas impressas em papelão, com algumas marcas do batom da mãe de Ben na altura da boca.
- Um pouco de cera de ouvido em um vidrinho, que pertencera a uma concorrente famosa, a excelentíssima parlamentar Raquel Preconceito.
- Uma meia-calça com o cheiro de Eva Bunz.
- O desenho do bumbum de um homem, rabiscado em um guardanapo pelo juiz malvado, Craig Malteser-Woodward.
- Um saleiro oficial do *Dançando com Superestrelas*.
- Um frasco de desodorante pela metade, usado por Flavio Flavioli.
- Um boneco articulável de Craig Malteser-Woodward.
- Um pedaço da borda de uma pizza havaiana deixado por Flavio Flavioli (com uma carta de autenticação de Eva Bunz).

Era sábado, então depois que o programa terminasse a família iria jantar *chilli* com linguiça. Nem a mãe nem o pai dele sabiam cozinhar, mas de todas as comidas prontas que a mãe tirava do freezer, espetava com um garfo e botava por três minutos no micro-ondas, essa era a preferida de Ben. Ele estava com fome e não queria perder a refeição, o que significava que não podia demorar muito na casa da avó. Se fosse uma noite de segunda-feira, por exemplo, e eles fossem comer lasanha de guacamole, ou uma quarta-feira com pizza de kebab,

ou um domingo com yakissoba de feijoada,* Ben não se importaria tanto.

* * *

A noite começava a cair. Sendo final de novembro e, portanto, o início do inverno, estava ficando mais frio e mais escuro rapidamente, e Ben tremia no meio dos arbustos enquanto espionava a avó. *Aonde será que ela vai?*, pensou ele. *Ela quase nunca sai.*

Ele viu um vulto no interior da casa. Então o rosto dela apareceu à janela e Ben rapidamente se escondeu. As moitas farfalharam. *Psssh!*, pensou Ben. Será que a velhinha o vira?

Após alguns instantes, a porta da frente se abriu lentamente e de lá saiu uma figura toda vestida de preto: moletom preto, calça leggings preta, luvas pretas, meias pretas, provavelmente até sutiã e calcinha pretos. Uma touca ninja preta ocultava seu rosto, mas, pelo andar, Ben reconheceu a avó. Parecia um personagem saído das capas dos livros que ela adorava ler. Vovó então subiu em seu carrinho elétrico e partiu.

Aonde é que ela estava indo?

E, ainda mais importante: por que estava vestida como uma ninja?

Ben escondeu a bicicleta nos arbustos e se preparou para seguir a própria avó.

Coisa que nem em um milhão de anos ele teria sonhado em fazer.

Como uma aranha tentando rastejar incólume por um banheiro, a vovó seguia no carrinho mantendo-se sempre junto dos muros. Ben a seguia a pé, o mais silenciosamente que conseguia. Não era muito difícil acompanhá-la, pois a velocidade máxima de seu veículo era de seis quilômetros por hora. Lá seguia ela pela rua, zunindo no carrinho elétrico, quando de repente olhou para trás como se tivesse ouvido alguma coisa. Ben pulou para trás de uma árvore.

Ele esperou, prendendo a respiração.

Nada.

Após alguns instantes, ele espichou a cabeça de trás do tronco e viu que a avó tinha chegado ao final da rua. Ele continuou a perseguição.

Logo se aproximaram da rua principal, que estava praticamente deserta. Como era início da noite, todas as lojas já tinham fechado e os bares e restaurantes ainda não tinham aberto. Evitando as luzes da rua e se escondendo junto às portas e marquises, a vovó se aproximou de seu destino.

Ben levou um susto quando viu onde ela estacionou.

Em frente à joalheria.



Colares, anéis e relógios reluziam na vitrine. Ben não pôde acreditar nos próprios olhos quando viu a avó pegar uma lata de sopa de repolho da cestinha do carrinho. Ela olhou ao redor de modo teatral e então levantou o braço, prestes a lançar a lata para quebrar a vitrine da joalheria.

— Nãããoooo! — gritou Ben.

Ela largou a lata, que se arreventou no chão, espalhando sopa pela calçada.

— Ben? — sussurrou a avó. — O que está fazendo aqui?

* A rede de supermercados em que o pai de Ben trabalhava gostava de misturar a culinária de dois países em um só produto congelado. Ao combinar pratos de países diferentes, talvez conseguissem levar a paz a um mundo dividido. Ou não.

A Gata Negra

Ben olhava fixamente para a avó parada diante da joalheria, toda de preto.

— Ben? — repetiu ela. — Por que está me seguindo?

— Eu só... eu... — Ben ficara tão chocado que não conseguia formar uma frase.

— Bom — disse ela —, seja lá o que você esteja fazendo aqui, deve ter chamado a atenção dos tiras, e eles vão chegar a qualquer momento. É melhor darmos o fora. Rápido, suba.

— Mas eu não posso...

— Ben! Temos menos de trinta segundos até a câmera de segurança nos filmar. — E ela apontou para uma câmera presa à parede de um prédio residencial perto da loja.

Ben subiu na garupa do carrinho elétrico.

— A senhora sabe de quanto em quanto tempo as câmeras de segurança gravam as imagens? — perguntou ele.

— Ah — disse a vovó. — Você ficaria surpreso com as coisas que eu sei.

Ben olhava para as costas da velhinha enquanto ela dirigia. Ele tinha acabado de vê-la prestes a roubar uma joalheria, como poderia ficar *mais* surpreso? Com certeza a avó tinha um lado que ele jamais conhecera.

— Segure-se — disse ela. — Vou acelerar.

Ela girou com violência o acelerador no guidão do veículo, e Ben não percebeu absolutamente nenhuma mudança. Seguiram com aquele ruído constante pela escuridão, a cerca de quatro quilômetros por hora por conta do peso extra.

* * *

— Gata Negra? — repetiu Ben.

Finalmente eles estavam de volta ao chalé. Ela tinha feito chá e servido alguns biscoitos de chocolate.

— É, era assim que me chamavam — respondeu ela. — Eu era a ladra de joias mais procurada do mundo.

A cabeça de Ben estava explodindo com um milhão de perguntas. *Por quê? Onde? Quem? O quê? Quando?* Ele não conseguia decidir o que perguntar primeiro.

— Ninguém mais sabe disso além de você, Ben — prosseguiu a vovó. — Até seu avô foi para o túmulo sem desconfiar de nada. Você consegue guardar segredo? Tem que jurar que não contará a ninguém.

— Mas...

A expressão dela pareceu séria e dura por um instante. Seus olhos se estreitaram e ficaram sombrios, como uma cobra prestes a dar o bote.

— Você tem que jurar — disse ela, com uma intensidade que Ben nunca vira. — Nós, criminosos, levamos nossos juramentos muito a sério. Muito a sério *mesmo*.

Ben engoliu em seco, com um pouco de medo.

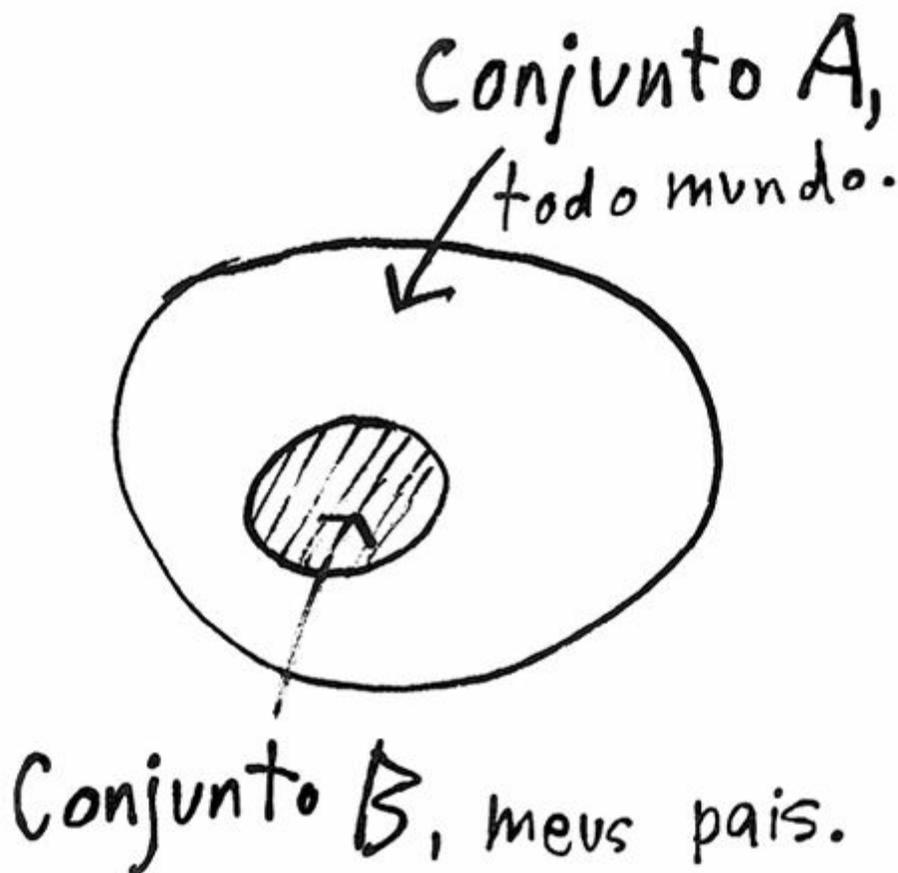
— Juro que não vou contar a ninguém.

— Nem mesmo aos seus pais! — vociferou a vovó, quase cuspidando a dentadura.

— Eu já disse que não vou contar a ninguém — retrucou Ben, também com rispidez.

Ben tinha aprendido sobre conjuntos na escola havia pouco tempo. Ele jurara não contar a ninguém do conjunto A, que incluía todas as pessoas do mundo, e o conjunto B, os pais dele, estava obviamente contido em A, era um subconjunto, então na verdade não havia necessidade de sua avó ter lhe pedido que jurasse uma segunda vez.

Dê só uma olhada neste diagrama útil:



Mas Ben duvidava de que a avó estivesse interessada em conjuntos naquele instante. Como ela ainda o estava encarando com aqueles olhos assustadores, ele apenas deu um suspiro e disse:

— Certo, juro que não conto nem para os meus pais.

— Bom garoto — disse a vovó no momento em que seu aparelho auditivo começou a apitar.

— Hã... com uma condição — arriscou Ben.

— Que condição? — perguntou ela, parecendo um pouco surpresa com a ousadia dele.

— A senhora tem que me contar tudo...

Tudo

— Eu tinha mais ou menos sua idade quando roubei meu primeiro anel de diamantes — começou a vovó.

Ben ficou chocado, em parte com a ideia de a avó um dia ter tido a idade dele, o que parecia impossível, em parte pelo óbvio fato de que meninas de onze anos não costumam roubar diamantes. Talvez canetas de purpurina, prendedores de cabelo ou pôneis de pelúcia, mas nunca diamantes.

— Sei que você olha para mim, com minhas revistinhas de palavras-cruzadas, meu tricô e minha predileção por repolho, e acha que eu não passo de uma velha chata...

— Não... — disse Ben, de modo não muito convincente.

— Mas você esquece, meu querido, que eu já fui jovem.

— Como era o primeiro anel que a senhora roubou? — perguntou Ben, cheio de curiosidade. — Tinha um diamante muito grande?

A avó riu.

— Não tão grande! Afinal, foi o meu primeiro. Eu ainda devo tê-lo em algum lugar. Vá até a cozinha por favor, Ben, e pegue a caixa de biscoitos da rainha Elizabeth II.

Ben encolheu os ombros como se não soubesse nada sobre a lata e seu conteúdo inacreditável.

— Onde fica, vovó? — perguntou ele, saindo da sala.

— No topo do armário, rapazinho! — gritou a avó. — Depressa. O papai e a mamãe daqui a pouco vão querer saber onde você se meteu.

Ben então lembrou que o plano era correr para casa e comer *chilli* com linguiça. Mas de repente isso pareceu absolutamente irrelevante. Ele nem estava mais com fome.

Ben voltou à sala com a lata nas mãos. Ele não se lembrava dela assim, tão pesada. Entregou-a à avó.

— Bom menino — disse ela enquanto remexia dentro da lata e retirava um pequeno solitário especialmente bonito. — Ah, sim, é este!

Para Ben, todos os anéis de diamante pareciam praticamente iguais. Entretanto, a avó parecia conhecer cada um deles como se fossem velhos amigos.

— Que belezinha — disse ela, aproximando o anel dos olhos para examiná-lo de perto. — Este foi o primeiro que roubei, quando ainda era uma menina.

Ben não conseguia imaginar a avó jovem. Ele sempre a conhecera como uma senhora de idade. Chegara a pensar na possibilidade de ela já ter nascido velha. Como se muitos anos antes, no hospital, quando a mãe dela deu à luz e perguntou à enfermeira se era menino ou

menina, a parteira tivesse respondido: “É uma velhinha!”



— Eu nasci em uma cidade pequena e minha família era muito pobre — continuou a avó. — E bem no alto do morro havia um palacete enorme onde morava o casal de nobres lorde e lady Davenport. Foi logo depois da guerra, naquela época não tínhamos muito o que comer. Eu estava faminta, então certa noite, à meia-noite, quando todo mundo estava dormindo, saí escondida da casinha humilde dos meus pais. Protegida pela escuridão, atravessei o bosque e fui até a Mansão Davenport.

— A senhora não ficou com medo? — perguntou Ben.

— Claro que fiquei. Estar ali sozinha no meio da mata e à noite foi apavorante. Havia cães de guarda na casa, dobermanns pretos enormes. Então, fazendo o mínimo de barulho possível, subi pela calha e encontrei uma janela destrancada. Eu era uma menina muito pequena para a minha idade. Então consegui me espremer por uma fresta na janela e fiquei atrás de uma cortina de veludo. Quando afastei a cortina um pouco, vi que estava no quarto de lorde e lady Davenport.

— Ah, não! — exclamou Ben.

— Ah, sim — prosseguiu a velhinha. — Minha ideia era só pegar um pouco de comida, talvez, mas foi então que vi ao lado da cama essa pequena belezura.

Ela apontou para o anel.

— Então a senhora foi lá e pegou?

— Ser uma ladra de joias de renome internacional não é tão simples assim, meu rapaz — disse a vovó. — Os donos da casa estavam roncando alto, mas se eu os acordasse, seria meu fim. O lorde sempre dormia com uma espingarda ao lado da cama.

— Uma espingarda?

— É, ele era chique, e, como era chique, gostava de caçar faisões, então tinha muitas armas.

Ben suava de nervoso.

— Mas ele não acordou e tentou atirar na senhora, tentou?

— Seja paciente, querido. Tudo em sua hora. Fui de fininho até o lado de lady Davenport da cama e peguei o anel de diamante. Não podia acreditar em como era bonito. Nunca tinha visto um desses tão de perto. Minha mãe nunca poderia nem sonhar em ter um. “Não preciso de joias”, dizia ela para nós, seus filhos. “Vocês são meus pequenos diamantes.” Eu fiquei um instante olhando maravilhada para aquela pedra na minha mão. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida. Então, de repente, ouvi um barulho enorme.

Ben fez uma expressão preocupada.

— O que aconteceu?

— Lorde Davenport era um gordo ganancioso. Devia ter comido demais no jantar, porque soltou o maior arrotado do mundo!

Ben e a vovó riram. Ele sabia que arrotos não eram para ser engraçados, mas não conseguiu segurar o riso.

— Foi tão alto! — disse a vovó, ainda rindo. —

BBBBBBBÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃRRRRRRPPPI

— imitou ela.

Ben estava morrendo de rir agora.

— Foi tão alto — continuou a vovó —, que levei um susto e deixei o anel cair no piso reluzente de madeira. Quando bateu no chão, fez um barulho alto que acordou os dois, lorde e lady Davenport.

— Ah, não!

— Ah, sim! Então peguei o anel e saí correndo para a janela aberta. Não ousei olhar para trás, pois podia ouvir lorde Davenport engatilhando a espingarda. Pulei e aterrissei na grama, e de repente todas as luzes da casa se acenderam e os cães começaram a latir. Eu estava correndo para salvar minha vida, então ouvi um som ensurdecedor...

— Outro arrotado? — perguntou Ben.

— Não, dessa vez foi um tiro. Lorde Davenport estava atirando em mim enquanto eu descia o morro na direção da mata.

— E então, o que aconteceu?

A avó olhou para seu relógio de pulso dourado.

— Meu querido, é melhor você voltar para casa. A mamãe e o papai devem estar doidos

de preocupação.

— Duvido — disse Ben. — Os dois só ligam para aquela dança de salão idiota.

— Isso não é verdade — disse ela inesperadamente. — Você sabe que eles amam você.

— Eu quero saber o fim da história — disse Ben, frustrado.

Ele estava desesperado para saber o que tinha acontecido em seguida.

— Você vai saber, mas outro dia.

— Mas vovó...

— Ben, você tem que ir para casa.

— Isso não é justo!

— Ben, é melhor você ir embora agora. Posso lhe contar o que aconteceu na próxima vez que vier aqui.

— MAS!

— Continuamos na semana que vem — disse ela.

Chilli com linguiça

Ben correu para casa em sua bicicleta, sem sequer perceber a queimação nas pernas e a dor no peito. Estava indo tão rápido que achou que podia ser multado por excesso de velocidade. Sua mente girava tanto quanto as rodas.

Será que aquela vovozinha velha e chata podia mesmo ser uma criminosa?!

Uma vovó vigarista?!

*Devia ser por isso que ela gostava tanto de ler histórias sobre o mundo do crime...
Porque ela fazia parte dele!*

Ele entrou furtivamente pela porta dos fundos no momento em que a familiar música de *Dançando com Superestrelas* tocava em alto e bom som na sala. Tinha chegado bem a tempo.

Mas justo quando estava prestes a subir as escadas e fingir que tinha passado todo aquele tempo no quarto fazendo o dever de casa, sua mãe surgiu de repente na cozinha.

— O que está fazendo? — perguntou ela, desconfiada. — Você está todo suado.

— Ah, nada — disse Ben, se sentindo todo suado.

— Olhe só para você — continuou ela, aproximando-se dele. — Está suando como um porco.

Ben tinha visto pouquíssimos porcos na vida e nenhum deles estava suando. Na verdade, se você for perguntar, todas as pessoas que entendem de porcos lhe dirão que eles não têm glândulas sudoríparas, portanto não podem suar.

Nossa, como este livro é educativo!

— Eu não estou suando — protestou Ben.

Ser acusado de suar o fazia suar ainda mais.

— Você *está* suando. Estava correndo lá fora?

— Não — respondeu um Ben cada vez mais suado.

— Ben, não minta para mim, eu sou sua mãe — disse ela, apontando para si mesma, o que fez uma unha postiça ser lançada ao ar.

As unhas postiças da mãe caíam com frequência. Certa vez, Ben encontrara uma dentro de sua *paella* à bolonhesa congelada.

— Se não estava correndo lá fora, então por que está todo suado?

Ben tinha que pensar rápido. O tema de *Dançando com Superestrelas* chegava ao fim.

— Eu estava dançando! — disse sem pensar muito.

— Dançando?

A mãe não parecia convencida. Ben não era nenhum Flavio Flavioli. E era óbvio que ele odiava dança de salão.

— É, sabe, mudei de ideia sobre a dança de salão. Agora eu adoro isso!

— Mas você disse que detestava — retrucou a mãe, cada vez mais desconfiada. — Muitas, mas muitas vezes. Semana passada mesmo você disse que preferia comer a própria meleca a assistir a essa bobagem. Ouvir você dizer isso foi como uma punhalada em meu coração!

Ela estava ficando visivelmente perturbada com a lembrança.

— Ah, mãe, sinto muito. — Ben estendeu a mão para confortá-la, e outra unha postiça caiu no chão. — Mas agora eu adoro, de verdade. Eu estava vendo a *Dança* por uma fresta na porta e tentando imitar todos os passos.

Ela ficou toda orgulhosa. Parecia que agora sua vida inteira de repente fazia sentido. Seu rosto ficou estranhamente feliz, mas ao mesmo tempo triste, como se aquilo fosse obra do destino.

— Você quer ser um... — ela respirou fundo — ...Dançarino profissional?

— Cadê meu *chilli* com linguiça, mulher?! — gritou o pai lá da sala.

— Não encha o saco, Pete! — Dos olhos da mãe jorravam lágrimas de alegria.

Ela não chorava tanto desde a edição anterior do programa, quando Flavio fora eliminado na segunda semana. Ele tivera que aceitar como parceira de dança a ilustríssima Rachel Preconceito, que era tão baixinha e gorducha que o máximo que ele conseguia fazer era arrastá-la de um lado para o outro do salão.

— Bem... hã... é... — Ben procurava desesperadamente um jeito de escapar daquilo. — Sim.

Essa resposta, sem dúvida, não foi um deles.

— Uau! Eu sabia! — exclamou a mãe. — Pete, venha aqui um instante. Ben precisa lhe contar uma coisa.

O pai foi arrastando os pés e com ar de enfado.

— O que é, Ben? Não está pretendendo entrar para o circo, está? Meu Deus, como você está suado!

— Não, Pete — disse a mãe, lenta e deliberadamente, como se estivesse prestes a ler o nome do vencedor em uma competição. — Ben não quer mais ser um bobo de um encanador...



— Graças a Deus — disse o pai.

— Ele quer ser... — Ela olhou para o filho. — Conte a ele, Ben.

Ben abriu a boca, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, sua mãe falou a novidade:

— Ele quer ser dançarino profissional!

— Deus é pai! — exclamou o pai, que olhou para o teto encardido de nicotina como se pudesse captar um vislumbre do espírito divino.

— Ele estava ensaiando na cozinha — continuou ela, toda empolgada. — Copiando todos os passos do programa...

O pai olhou nos olhos de Ben e apertou a mão do menino com vigor.

— Que notícia maravilhosa, meu garoto! Sua mãe e eu não conquistamos muita coisa na vida, ela como manicure e...

— Sou uma técnica em unhas, Pete! — corrigiu ela, com desprezo. — Há uma diferença enorme, você sabe que...

— Técnica em unhas, desculpe. E eu sou apenas um segurança velho e chato porque era gordo demais para ser policial. A coisa mais empolgante que já aconteceu no trabalho foi quando impedi que um cadeirante fugisse da loja com uma lata de chantilly escondida embaixo da manta que cobria suas pernas. Mas você virar um dançarino profissional, ora... isso... isso é a melhor coisa que já aconteceu a nós dois.

— Sem dúvida!

— Sem a menor sombra de dúvida — concordou o pai.

— Sério, sem nem uma minúscula sombrinha da menor dúvida — insistiu a mãe.

— Bem, acho que já entendemos que é uma ótima notícia — disse o pai, irritado. — Mas já vou lhe avisando, garoto, isso não vai ser fácil. Se você ensaiar oito horas todo santo dia pelos próximos vinte anos, poderá até entrar para um programa de tevê.

— Talvez ele possa participar da versão americana! — exclamou a mãe. — Ah, Pete, imagine só: nosso filho, um grande astro americano!

— Bem, não vamos botar o carro na frente dos bois, mulher. Ele ainda nem ganhou a edição britânica. Agora temos que pensar em inscrevê-lo em uma competição infantil.

— Tem razão, Pete. Elza me disse que vai ter uma na sede da prefeitura pouco antes do Natal.

— Abra a garrafa de espumante, Linda! Nosso filho vai ser o can-can *can*-peão!

Um palavrão explodiu na cabeça de Ben.

Como é que ele ia escapar dessa?!

Explosão de Amor

Ben passou a manhã inteira de domingo em função da mãe, que estava tirando as medidas dele para um figurino de dança. Ela tinha passado a noite em claro desenhando alguns esboços.

Sob pressão, ele foi forçado a escolher um, então apenas apontou desanimado para o que achou menos horroroso.

As opções desenhadas pela mãe iam do vergonhoso ao humilhante...

Havia:

A Floresta



O Coquetel de Frutas



Raios e Trovões



Acidente e Emergência



Frescor Tropical



A Moita e o Texugo



A Caixa de Bombons



Ovos e Bacon



Confete





Queijo com Cebola



O Sistema Solar



O Pianista



E a que Ben achou *menos* pior... foi a “Explosão de Amor”:



— Temos que encontrar uma bela garota para ser seu par no concurso! — disse a mãe, toda empolgada, ao mesmo tempo em que, sem querer, prendia uma das unhas postiças na máquina de costura, fazendo-a se soltar com um estalo.

Ben não tinha pensado na questão da parceira de dança. Não apenas ele teria que dançar, como teria que dançar com uma menina! E não uma menina qualquer, mas uma menina revoltantemente precoce, cheia de purpurina e bronzeada demais, vestida com roupa de balé e cheia de maquiagem.

Ben ainda estava na idade em que achava as garotas tão repulsivas quanto um sapo coberto de ovas gosmentas.

— Ah, eu posso dançar sozinho mesmo — gaguejou ele.

— Um número solo! — exclamou a mãe. — Que original!

— Aliás, não posso ficar aqui conversando o dia inteiro. É melhor eu começar a ensaiar — disse Ben, já subindo para o quarto.

Chegando lá ele fechou a porta, ligou o rádio, pulou pela janela, pegou a bicicleta e foi correndo para a casa da avó.

* * *

— Então a senhora estava fugindo para a mata quando lorde Davenport começou a atirar... — disse Ben, ansioso, insistindo para que a avó continuasse a história.

Mas a mente dela parecia vazia.

— Eu estava? — perguntou a vovó, ficando cada vez mais intrigada e confusa.

— Foi aí que a história parou ontem à noite. A senhora disse que pegou o anel no quarto dos Davenport e estava atravessando o jardim correndo quando ouviu tiros...

— Ah, sim, sim — balbuciou a vovó, o rosto se iluminando de repente.

Ben abriu um largo sorriso. Ele se lembrou de que antes, quando era menor, adorava que a avó lhe contasse histórias que o transportavam para um mundo mágico. Um mundo em que as imagens criadas em sua mente eram mais emocionantes do que qualquer filme, programa de tevê ou jogo de videogame.

Apenas algumas semanas antes ele fingira estar dormindo para que ela não lhe contasse uma história. Com certeza ele havia se esquecido de como elas podiam ser emocionantes.

— Eu estava correndo para caramba — continuou a avó, quase sem fôlego, como se estivesse correndo de verdade — quando ouvi um tiro. Depois outro. Percebi, pelo som, que era um tiro de espingarda, não de rifle...

— Qual a diferença? — perguntou Ben.

— Bem, um rifle atira uma bala de cada vez e possui uma precisão maior. Mas uma espingarda espalha centenas de bolinhas de chumbo mortais. Qualquer idiota pode acertar você se atirar com uma arma dessas.

— E ele acertou? — perguntou Ben.

Agora seu sorriso tinha desaparecido. Ele estava sinceramente preocupado.

— Acertou, mas por sorte eu já estava bem longe, então pegou só de raspão. Podia ouvir o latido dos cães. Estavam atrás de mim, e eu era apenas uma menininha. Se tivessem me pegado, teriam feito picadinho de mim.

Ben soltou uma exclamação de pavor e perguntou:

— Mas como a senhora conseguiu escapar?

— Eu tive que pensar depressa. Não ia conseguir correr mais rápido que os cães pela floresta. Nem mesmo o melhor corredor do mundo conseguiria. Mas eu conhecia aquele bosque muito bem. Passava horas lá, brincando com meus irmãos. Eu sabia que se conseguisse chegar ao riacho, os cães não me encontrariam mais.

— Por quê?

— Eles não conseguem farejar seu rastro na água. E havia um grande carvalho próximo à outra margem do riacho. Se eu subisse naquela árvore, talvez conseguisse escapar.

Ben não conseguia imaginar a avó subindo escadas, muito menos uma árvore. Até onde ele lembrava ela sempre morou ali, naquela casinha.

— Ouvi mais tiros na escuridão enquanto corria na direção do riacho — prosseguiu a velhinha. — Aí bati em algo naquele breu da mata: tropecei na raiz de uma árvore e caí de cara na lama. Enquanto me levantava, me virei e vi um exército de homens a cavalo liderados por lorde Davenport. Estavam carregando tochas e espingardas. Toda a floresta se iluminou com o fogo das tochas. Eu pulei no riacho. Era mais ou menos a mesma época do ano em que estamos agora, bem frio, e a água estava congelante. O frio me deixou em choque, e eu mal conseguia respirar. Pus a mão na boca para conter um grito. Eu podia ouvir os cães se aproximando, latindo sem parar. Devia haver dezenas deles. Olhei para trás e vi seus dentes afiados reluzindo sob o luar.



“Então eu atravessei o riacho e comecei a subir na árvore. Minhas mãos estavam cobertas de lama, e minhas pernas e pés, molhados, então eu não parava de escorregar no tronco. Sequei as mãos freneticamente no pijama e tentei subir de novo. Cheguei até o alto da árvore e fiquei o mais imóvel que consegui ali em cima. Então ouvi os cães e o exército de Davenport seguirem ao longo do riacho para outra parte da floresta. Os latidos ferozes dos cães começaram a ficar distantes e, após algum tempo, as tochas se tornaram apenas pontinhos na distância. Eu estava a salvo. Fiquei tremendo no alto daquela árvore por horas. Esperei até amanhecer e só então desci e voltei para casa. Deitei furtivamente na cama e logo depois o sol nasceu.”

Ben podia visualizar com perfeição tudo o que ela descrevia. A avó o havia deixado hipnotizado.

— Eles foram atrás da senhora depois?

— Olhe, ninguém conseguiu me ver direito, por isso Davenport mandou seus homens fazerem buscas em todos os cantos da cidade. Todas as casas foram reviradas à procura do anel.

— A senhora não contou nada a ninguém?

— Deu vontade. Eu me sentia muito culpada. Mas sabia que se abrisse a boca, estaria encrencada. Lorde Davenport ia mandar me chicotear em praça pública.

— Então o que a senhora fez?

— Eu... eu o engoli.

Ben não podia acreditar no que ouvira.

— O anel, vovó? A senhora engoliu o anel?

— Achei que era o melhor jeito de escondê-lo. No meu estômago. Saiu alguns dias depois, quando fui ao banheiro.

— Deve ter doído! — disse Ben, seu bumbum se contorcendo só de pensar.

Expelir um grande anel de diamante pelo traseiro não parecia nada agradável.

— Doeu, sim. Na verdade, doeu bastante. — A avó fez uma careta. — Mas pelo menos já tinham revirado nossa casa até as entranhas... Não as *minhas* entranhas, claro, eu quis dizer cada cantinho...

Ben riu.

— E os homens de Davenport agora estavam procurando o anel na cidade vizinha. Então certa noite fui até o bosque e o escondi. Coloquei-o em um lugar onde ninguém jamais iria procurar: embaixo de uma pedra dentro do rio.

— Boa ideia! — exclamou Ben.

— Mas aquele anel foi só o primeiro de muitos, Ben. Roubá-lo foi a maior emoção que eu já tinha sentido na vida. E toda noite, deitada em minha cama, eu só sonhava em roubar cada vez mais diamantes. O anel foi apenas o começo... — Prosseguiu a vovó em um sussurro, olhando bem fundo nos olhos jovens e inocentes de Ben. — O começo de uma vida de crimes.

Uma vida de crimes

As horas passaram em questão de minutos enquanto a avó contava a Ben como tinha roubado cada um dos objetos brilhantes espalhados pelo chão da sala.

A tiara enorme pertencera à esposa de um presidente americano, a primeira-dama. A vovó contou a Ben como, mais de cinquenta anos antes, tinha ido de navio até os Estados Unidos para roubá-la da Casa Branca, em Washington. E que durante a viagem de volta para casa ela roubara as joias de todas as mulheres ricas do navio! E que fora pega no flagra pelo capitão, mas que conseguira escapar pulando do navio e percorrendo a nado os últimos quilômetros do oceano Atlântico que faltavam para chegar à Inglaterra, com todas as joias escondidas na calcinha.

Ela também contou a Ben que os brincos cintilantes de esmeralda que guardava havia décadas em sua humilde e pequena casa valiam mais de um milhão de libras cada um. Haviam pertencido à esposa de um marajá indiano absurdamente rico, uma marani. A velhinha recordou como teve a ajuda de uma manada de elefantes para roubá-los: ela convencera os elefantes a montar um em cima do outro para formar uma escada gigante em que ela pudesse subir para escalar a parede do forte na Índia onde estavam os brincos, guardados nos aposentos reais.

A história mais impressionante de todas foi a do broche ornado com um enorme diamante azul-escuro e safiras, que agora brilhava ali, no surrado tapete da sala. Ela contou a Ben que aquela joia pertencera à última imperatriz da Rússia, que reinara com o marido, o czar, antes da revolução comunista de 1917. O broche passara anos protegido por vidros à prova de balas no Museu Hermitage, em São Petersburgo, vigiado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e trezentos e sessenta e cinco dias por ano por um pelotão de soldados russos assustadores.



Esse roubo havia exigido o plano mais elaborado de todos. A vovó se escondera dentro de uma armadura antiga que havia no museu, uma peça com séculos de idade, dos tempos de Catarina, a Grande. Cada vez que os soldados olhavam para outro lado, ela avançava alguns milímetros dentro do traje de metal até chegar perto do broche. Isso levou uma semana.

— Como assim, a passos de formiga? — perguntou Ben.

— Exatamente, meu jovem! — respondeu ela. — Então arrebentei o vidro com o machado prateado que eu estava segurando e peguei o broche.

— Como a senhora conseguiu escapar, vovó?

— É uma boa pergunta... Pois é, como eu escapei? — A vovó parecia perdida. — Sinto muito, é minha idade, rapazinho. Eu esqueço as coisas.

Ben lhe deu um sorriso compreensivo.

— Tudo bem, vó.

Mas logo a memória da velha senhora pareceu voltar a funcionar.

— Ah, sim, lembrei. Eu saí correndo até o pátio, pulei para dentro de um canhão e o disparei, e foi assim que fugi de lá sã e salva!

Ben imaginou a cena: a avó, nos recantos mais sombrios da Rússia, cruzando os céus dentro de uma armadura superantiga. Era difícil de acreditar, mas de que outro jeito ela poderia ter aquela coleção de pedras preciosas de valor incalculável?

Ben adorava as histórias emocionantes da avó. Em casa, ninguém lia nem contava histórias para ele. Sempre que chegavam do trabalho, os pais apenas ligavam a televisão e se jogavam no sofá. Ouvir aquela senhora de idade falar era muito empolgante. Ben teve vontade de ir morar com ela. Podia ouvi-la falar o dia inteiro.

— Não deve ter sobrado uma joia no mundo que a senhora não tenha roubado! — disse Ben.

— Ah, tem sim, meu rapaz. Espere, o que é isso?

— O que é isso o quê? — perguntou Ben.

A vovó estava apontando para algo atrás da cabeça dele, com uma expressão de horror no rosto.

— É... é...

— *O quê?* — insistiu Ben, sem ousar se virar e ver para o que ela estava apontando. Ele sentiu um calafrio na coluna.

— O que quer que aconteça — disse a avó —, não vire para trás...

Vizinho enxerido

Foi mais forte que ele: na mesma hora seus olhos se voltaram para a janela. Por um breve instante ele viu um vulto escuro com um chapéu esquisito espiando pelo vidro sujo da janela, antes de sumir de vista.

— Havia um homem olhando pela janela — disse Ben, assustado.

— Eu sei — disse a avó. — Eu falei para você não se virar.

— Quer que eu vá lá fora ver quem era? — ofereceu-se Ben, tentando disfarçar o medo.

Na verdade, ele queria mesmo era que ela saísse para descobrir quem era.

— Aposto que era meu vizinho enxerido, o Sr. Parker. Ele mora na casa 7, sempre usa um chapéu pequenininho e de aba estreita, e vive me espionando.

— Por quê? — perguntou Ben.

Ela deu de ombros.

— Não sei. Ele deve sentir muito frio na cabeça, sei lá.

— O quê? Ah. Não, não o chapéu. Quero saber por que ele espiona a senhora.

— Ele é major reformado e agora virou chefe da patrulha de vigilância comunitária de Grey Close.

— O que é vigilância comunitária? — perguntou Ben.

— É um grupo de moradores de uma região que atuam como seguranças para prevenir roubos. Mas o Sr. Parker usa isso apenas como desculpa para espionar todo mundo, esse sem-vergonha desse velho bisbilhoteiro. Várias vezes, ao voltar do supermercado com minha bolsa cheia de repolhos, já o vi escondido atrás das janelas com tela da casa dele me espionando com binóculos.

— Ele desconfia da senhora?

Ben estava apavorado, e não era pouco. Ele não queria ser preso como cúmplice de uma criminosa. Não sabia exatamente o que significava a palavra “cúmplice”, mas sabia que era um crime, e também que era jovem demais para ir para a prisão.

— Ele desconfia de todo mundo. Temos que ficar de olho nele, meu rapaz. O homem é uma ameaça.

Ben foi até a janela e olhou para fora. Não viu ninguém.

DDDDIIIIIIINNNNNNNNNNNGGGGG-DDDDDOOOOOOOOOONNNGGGG!!!!!!

O coração do menino deu um salto. Era só a campainha, mas se o Sr. Parker entrasse e visse todas aquelas joias, a polícia mandaria Ben e sua avó direto para a cadeia.

— Não atenda! — disse Ben, correndo até o meio da sala e jogando as joias de volta na lata o mais rápido que podia.

— Como assim, não atenda?! Ele sabe que eu estou em casa. Acabou de nos ver pela janela. Você atende e eu escondo as joias.

— Eu?

— É, você! Rápido!

DDDDIIIIIIINNNNNNNNNNNGGGGG-DDDDDOOOOOOOOOONNNGGGG!!!!!!

O toque dessa vez foi mais insistente. O Sr. Parker apertou a campainha por mais tempo ainda. Ben respirou fundo e seguiu calmamente até a porta da frente.

Ele a abriu.

Lá fora havia um homem com um chapéu muito ridículo. Não acredita em mim? Veja só como era ridículo:



— Sim? — disse Ben, com uma voz aguda e esganiçada. — Em que posso ajudá-lo?

O Sr. Parker segurou a porta com um pé, para impedir que ela fosse fechada na cara dele.

— Quem é você? — ladrou o velho com uma voz nasalada.

Ele tinha um nariz muito grande, que o fazia parecer ainda mais enxerido do que era, e olhe que ele já parecia bem enxerido. Como tinha nariz grande, também era fanho, transformando tudo o que dizia, por mais sério que fosse, em algo um pouco absurdo. Mas

seus olhos estavam vermelhos e injetados como os de um demônio.

— Sou amigo da vovó — respondeu Ben, sem pensar.

Por que eu disse isso?, pensou ele. Na verdade, Ben estava em pânico total e sua língua parecia querer fugir dali tanto quanto ele.

— Amigo? — rosnou o Sr. Parker, empurrando a porta.

Sendo maior que Ben, ele logo conseguiu entrar à força.

— Quer dizer, neto, Sr. Parker... — corrigiu-se Ben, indo de costas na direção da sala.

— Por que está mentindo para mim? — perguntou o velho, avançando vários passos à medida que Ben recuava.

Era como se estivessem dançando tango.

— Não estou mentindo! — gritou Ben.

Eles chegaram à entrada da sala.

— O senhor não pode entrar aí! — berrou Ben, pensando nas joias ainda espalhadas por todo o chão.

— Por que não?

— Hã... huum... porque a vovó está fazendo ioga nua!

Ele precisava de uma boa desculpa para evitar que o Sr. Parker passasse por aquela porta e visse as joias. Teve certeza de que dissera a coisa certa quando o velho fez uma pausa e franziu a testa.

Infelizmente, porém, o vizinho enxerido não se deu por convencido.

— Ioga nua? Muito plausível! Preciso falar com sua avó agora mesmo. Saia da minha frente, seu vermezinho imundo!

Ele empurrou Ben para o lado, já abrindo a porta da sala.

Vovó devia ter escutado Ben através da porta, porque quando o Sr. Parker entrou na sala, ela estava apenas de calcinha e sutiã fazendo a posição da árvore.

— Sr. Parker, mas que abuso! — disse a avó, fingindo-se de horrorizada por ele a ver seminua.

Os olhos do Sr. Parker varreram a sala. Ele não sabia onde procurar, então fixou o insolente olhar no chão, agora vazio.

— Sinto muito, senhora, mas preciso lhe perguntar uma coisa: onde estão as joias que vi há alguns instantes?

Ben viu uma ponta da lata de biscoitos saindo de trás do sofá. Muito discretamente, ele a empurrou com o pé, tirando-a de vista.



— Que joias, Sr. Parker? O senhor andou me espionando de novo? — perguntou a avó, ainda pelada.

— Ora, eu, hã... — balbuciou ele. — Eu tinha um bom motivo. Fiquei desconfiado quando vi um rapaz entrar em sua casa. Achei que pudesse ser um ladrão.

— Eu mesma abri a porta para ele.

— Podia ser um ladrão muito charmoso. Ele podia ter conquistado sua confiança com mentiras.

— Ele é meu neto. Passa as noites de sexta comigo.

— Ah! — disse o Sr. Parker, triunfante. — Mas hoje não é sexta-feira! Então a senhora entende o motivo de minhas suspeitas. E como chefe da vigilância comunitária de Grey Close, tenho o dever de contar à polícia tudo o que eu vir de suspeito.

— Eu tenho um bom motivo para dar queixa contra o senhor na polícia! — disse Ben. A avó olhou para ele com curiosidade.

— E que motivo seria esse? — perguntou o velho.

Os olhos dele se estreitaram. Agora estavam tão vermelhos que parecia haver um incêndio em seu cérebro.

— Por espionar velhinhas sem roupa! — disse Ben triunfante, o que fez vovó lhe dar uma

piscadela.

— Ela estava totalmente vestida quando olhei pela janela... — protestou o Sr. Parker.

— É isso o que todos dizem! — observou a avó. — Agora saia da minha casa antes que seja preso por invasão de privacidade!

— Vocês não vão se ver livres de mim assim tão fácil. Tenham um bom dia! — disse o Sr. Parker.

E com isso, ele deu meia-volta e saiu da sala. Ben e sua avó ouviram a porta da frente bater quando ele saiu, depois correram até a janela e ficaram observando-o caminhar de volta até sua casa.

— Acho que o assustamos — disse Ben.

— Mas ele vai voltar — disse a avó. — Temos que tomar muito cuidado.

— É — disse Ben, assustado. — É melhor guardarmos a lata em algum outro lugar.

A avó pensou por um instante.

— É mesmo, vou escondê-la embaixo das tábuas do piso.

— Tudo bem — disse Ben. — Mas primeiro...

— Sim?

— A senhora podia colocar umas roupas.

Ousado e emocionante

Quando a vovó terminou de se vestir, ela e Ben se sentaram no sofá.

— Vovó, antes de o Sr. Parker aparecer, a senhora estava me contando sobre uma joia que nunca conseguiu roubar — sussurrou Ben.

— Existe uma peça muito especial em que todos os ladrões do mundo gostariam de pôr as mãos. Mas é simplesmente impossível roubá-la.

— Aposto que você conseguiria, vó. A senhora é a maior ladra que o mundo já teve.

— Obrigada, Ben, talvez eu seja, ou tenha sido... E roubar as joias que tenho em mente deve ser o sonho de todos os grandes ladrões do mundo, mas isso seria, ora... impossível.

— Joias? É mais de uma?

— Claro, querido. A última vez que tentaram roubá-las foi há trezentos anos. Um tal de coronel Blood, se não me engano. E não acho que a rainha ficaria muito contente... — Ela riu.

— Está falando das...?

— *As Joias da Coroa*, isso mesmo, meu rapaz.

* * *

Ben tinha aprendido sobre as Joias da Coroa em uma aula de história na escola. História era uma das únicas matérias de que ele gostava, principalmente por causa dos castigos sanguinários de antigamente. “Enforcar e esquartejar” era seu preferido disparado, mas havia também a roda de desmembramento, queimar o condenado vivo na fogueira e, é claro, o ferro em brasa enfiado no traseiro.

Quem não gosta dessas coisas?

Na escola, Ben tinha aprendido que as Joias da Coroa eram na verdade um conjunto de coroas, espadas, cetros, anéis, braceletes e orbes preciosos, alguns com quase mil anos. Eram usadas sempre que um novo rei ou rainha da Inglaterra era coroado, e desde 1303 eram muito bem guardadas na Torre de Londres.

Ben tinha implorado aos pais que o levassem para vê-las, mas eles alegaram que Londres era longe demais da cidade deles (apesar de não ser tanto assim).

Para ser honesto, eles nunca faziam nenhum passeio em família. Quando ele era menor e a professora mandava que os alunos contassem sobre as férias ou o último fim de semana, Ben apenas escutava, maravilhado, as histórias de seus colegas de turma, que sempre tinham uma infinidade de aventuras para contar. Viagens à praia, visitas a museus, até férias em outros países. O nó em seu estômago se apertava quando chegava sua vez. Envergonhado demais para

admitir que passara as férias inteiras comendo refeições congeladas e vendo tevê, ele inventava histórias em que soltava pipa, subia em árvores e explorava castelos.

Mas agora ele tinha a melhor história de todos os tempos. Sua avó era uma ladra de joias de fama internacional. Uma criminosa perigosa! O problema era que ele não podia contar isso a ninguém, ou a enfiariam na prisão e jogariam a chave fora.

Ele então se deu conta de que era sua grande chance de fazer uma loucura, algo realmente ousado e emocionante.

— Eu posso ajudar a senhora — disse Ben com um ar muito tranquilo e astuto, apesar de seu coração estar batendo mais rápido que nunca.

— Pode me ajudar a fazer o quê? — perguntou a vovó, curiosa.

— A roubar as Joias da Coroa, é claro!

“N”, “A”, “O”, til: “Não”

— Não! — gritou a vovó, e seu aparelho auditivo começou a apitar furiosamente.

— Sim! — exclamou Ben.

— Não!

— Sim!

— Nããoo!

— Siiiiimmm!

— NNNNÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOOOOO!!!!!!!!!!

— SSSSSSIIIIIIIIIIIMMMMMMMMMMMMMMMMMM!!!!!!

Aquilo continuou por alguns minutos, mas para poupar papel e, portanto, árvores e, portanto, florestas e, portanto, o meio ambiente e, portanto, o mundo, eu reduzi um pouco a coisa.

— Não vou envolver um menino da sua idade em um golpe, mas de jeito nenhum! Muito menos para roubar as Joias da Coroa! Além do mais, é impossível! Não tem como! — exclamou a avó.

— Deve haver um jeito... — suplicou Ben.

— Ben, eu disse “não”, e ponto final!

— Mas...

— Sem mas, Ben. Não. “N”, “A”, “O”, til: “Não”.

Ben ficou muito decepcionado, mas a avó estava irredutível em sua decisão.

— Então é melhor eu ir embora — disse ele, desanimado.

A avó também pareceu ficar um pouco abatida.

— É, querido, é melhor mesmo. A mamãe e o papai devem estar muito preocupados com você.

— Que nada...

— Ben! Para casa! Agora!

* * *

Ben ficou triste por ver que a avó estava se tornando um adulto chato outra vez, logo quando ela tinha começado a ficar interessante. Mesmo assim, ele obedeceu. Até porque não queria deixar os pais desconfiados, então correu para casa e subiu pela calha até a janela do quarto antes de descer correndo para a sala.

Entretanto, não foi nenhuma surpresa ver que seus pais não tinham ficado nem um pouco

preocupados com seu paradeiro. Estavam ocupados demais planejando a carreira do filho rumo ao superestrelato da dança para perceber que ele tinha saído.

O pai tinha passado um bom tempo tentando ligar para a central de atendimento do concurso de dança nacional para menores de doze anos, até que finalmente conseguira ser atendido e garantira uma vaga para o filho. A mãe de Ben estava certa: a competição aconteceria na sede da prefeitura, dali a apenas algumas semanas. Não havia tempo a perder, por isso ela vinha aproveitando todo o seu tempo livre para trabalhar no figurino do filho, “Explosão de Amor”.

— Como vão os ensaios, rapaz? — perguntou o pai. — Parece que você andou se esforçando. Está todo suado.

— Está indo tudo bem, obrigado, pai — mentiu Ben. — Estou preparando algo muito, muito espetacular para a grande noite.

Ben xingou a própria boca, aquela apressadinha mentirosa.

Algo espetacular?

Ele teria sorte se não caísse duro no chão.

— Nossa, mal podemos esperar para ver. Não falta muito! — disse a mãe, sem nem mesmo tirar os olhos da máquina de costura. Ela estava concentrada prendendo uma tira com centenas de corações vermelhos e brilhosos na lateral da calça de lycra do menino.

— Por enquanto acho que prefiro ensaiar sozinho, mãe, sabe como é... — Nervoso, ele engoliu em seco. — Até que esteja tudo prontinho para vocês verem.

— Claro, claro, nós entendemos — disse a mãe.

Ben deu um suspiro de alívio. Tinha conseguido ganhar um pouco mais de tempo.

Mas só um pouco.

Em algumas semanas, ele ainda teria que fazer um número solo de dança para toda a cidade.

Ele se sentou na cama e pegou ali debaixo seus vários números da *Revista do Encanador*. Ao folhear uma edição do ano anterior, deparou-se com uma reportagem intitulada “Uma rápida história do encanamento”, que tratava de algumas das tubulações de esgoto mais antigas de Londres. Ben virou as páginas da revista freneticamente até encontrar.

Bingo! Era isso!

Centenas de anos antes, o rio Tâmis, às margens do qual fica a Torre de Londres, era um esgoto a céu aberto. (Técnicamente falando, isso significa que eram águas cheias de cocô e xixi.)

As construções às margens do Tâmis tinham tubulações enormes que despejavam o esgoto diretamente no rio. Na revista havia plantas históricas detalhadas de vários prédios famosos de Londres, mostrando onde ficavam as velhas tubulações de esgoto que se ligavam ao rio.

E...

Ele desceu o dedo pela reportagem...

Ali! Um mapa com as tubulações de esgoto da Torre de Londres.

Essa podia ser a chave para roubar as Joias da Coroa. Um dos canos tinha quase um metro de largura, grande o bastante para uma criança se arrastar por ali. E talvez grande o bastante para uma velhinha!

A reportagem também contava que mesmo depois que o sistema fora modernizado, instalando-se uma tubulação de esgoto adequada, os canos antigos tinham ficado onde estavam, porque isso era bem mais simples do que retirá-los.

A cabeça de Ben girava ao pensar no que aquilo significava. Seria possível, apenas possível, que ainda houvesse uma tubulação enorme indo desde o Tâmis até o interior da Torre de Londres, esquecida por quase todos exceto um ou outro entusiasta do assunto? O próprio Ben não saberia se não fosse comprador de longa data da *Revista do Encanador*.



Ele e a avó podiam ir nadando por aquele cano e entrar na Torre...

Meus pais estavam errados!, pensou ele. *Encanamentos podem ser bem emocionantes.*

Claro, era uma tubulação de esgoto, o que não era o ideal, mas qualquer cocô ou xixi que ainda restasse ali teria centenas de anos.

Ben não sabia se isso era bom ou ruim.

Naquele instante ele ouviu o assoalho ranger, e a porta de seu quarto foi aberta de repente. A mãe entrou trazendo um grande pedaço de lycra assustadoramente parecido com o traje “Explosão de Amor”.

O menino rapidamente escondeu a revista embaixo da cama, o que o fez parecer muito culpado.

— Eu só queria que você experimentasse isso aqui — disse ela.

— Ah, claro — respondeu Ben.

Sentado meio torto na cama, ele empurrava com os calcanhares alguns números da *Revista do Encanador* ainda à vista, tentando afastá-los dos olhos curiosos da mãe.

— O que é isso? — perguntou ela. — O que você escondeu quando entrei? É alguma *Playboy*?

— Não — disse Ben, engolindo a culpa.

Aquilo estava ficando muito pior do que realmente era. Parecia que ele estava escondendo alguma revista erótica embaixo da cama.

— Não precisa ter vergonha, Ben. Acho saudável que você esteja expressando algum desejo por meninas.

Ah, não!, pensou Ben. *Minha mãe vai conversar comigo sobre garotas!*

— Não tem nada de vergonhoso em se interessar por meninas, Ben.

— Tem, sim! Meninas são nojentas!

— Não, Ben, isso é a coisa mais natural do mundo...

Ela não vai parar!

— O JANTAR ESTÁ QUASE PRONTO, AMOR! — veio um grito lá de baixo. — O QUE ESTÁ FAZENDO AÍ?

— CONVERSANDO COM BEN SOBRE GAROTAS! — gritou a mãe em resposta.

Ben estava tão vermelho que se ficasse bem paradinho podia ser confundido com um hidrante.

— O QUÊ? — berrou o pai.

— GAROTAS! — gritou a mãe. — ESTOU CONVERSANDO COM NOSSO FILHO SOBRE GAROTAS!

— AH, TÁ! — gritou em resposta o pai. — VOU DESLIGAR O FORNO.

— Então, Ben, se você algum dia precisar de...

TRIM TRIM. TRIM TRIM.

Era o celular da mãe tocando dentro do bolso dela.

— Só um minuto, querido — disse ela, levando o aparelho ao ouvido. — Elza, posso ligar para você depois? Estou conversando com Ben sobre garotas. Certo, obrigada, tchauzinho.

Desligando o celular, ela se virou para Ben.

— Mas então, onde eu estava mesmo? Ah, sim, se um dia você quiser ter uma conversinha comigo sobre garotas, por favor, não hesite em me chamar. Pode ter certeza de que serei bem discreta...

Planejando o roubo

Na manhã seguinte, pela primeira vez na vida, Ben foi saltitando para a escola.

Graças a sua paixão por encanamentos, na noite anterior ele havia descoberto que a Torre de Londres tinha um ponto fraco. O edifício mais inexpugnável do mundo, onde alguns dos criminosos mais perigosos do país foram presos e executados, tinha uma falha imperdoável: uma tubulação de esgoto enorme que levava direto ao rio Tâmis.

Essa manilha antiga seria o caminho de entrada e saída da Torre para ele e a avó! Era um plano simplesmente brilhante, e seu corpo não conseguia esconder a empolgação daquela descoberta surpreendente.

Era por isso que ele estava saltitando.

Bem mal podia esperar até a noite de sexta-feira, quando os pais o despachariam outra vez para a casa da avó.

E então ele conseguiria convencer a velhinha de que era mesmo possível que os dois roubassem juntos as Joias da Coroa. Ben levaria o mapa da *Revista do Encanador* e mostraria para ela o sistema de esgotos da Torre de Londres. Eles poderiam passar a noite inteira acordados, planejando cada detalhe do roubo mais ousado de todos os tempos.

O problema era que havia uma longa semana de aulas, professores e deveres de casa se interpondo entre aquele momento e a noite de sexta. Ben, entretanto, estava determinado a explorar sabiamente sua semana na escola.

Na aula de computação, fez pesquisas sobre as Joias da Coroa e decorou cada detalhe que achou na internet.

Na de história, fez várias perguntas ao professor sobre a Torre de Londres e sobre a localização exata das joias. (Que ficam na Casa das Joias, se alguém quiser saber.)

Em geografia, descobriu um atlas das Ilhas Britânicas e localizou precisamente a que altura do Tâmis ficava a Torre.

Na de educação física, não “esqueceu” de propósito seu material, como sempre fazia. Em vez disso, cumpriu as flexões de braço e até fez mais do que mandaram, para fortalecer os músculos e assim conseguir subir pela tubulação de esgoto até a Torre.

Em matemática, perguntou ao professor quantos pacotes de chocolates recheados poderia comprar com cinco bilhões de libras esterlinas (o valor estimado das joias). Ben realmente gostava de chocolates recheados.

A resposta é: dez bilhões de pacotes, ou vinte e quatro bilhões de bombons. Devia durar por pelo menos um ano.

E Raj com certeza inventaria uma promoção que lhe garantiria mais alguns de graça.

Na aula de francês, ele aprendeu a falar: “Não sei nada sobre o roubo das, como se diz?, das ‘Joias da Coroa’, sou apenas um pobre caipira francês”, para o caso de ter que se passar por um pobre caipira francês ao fugir da cena do crime.

Na de espanhol, aprendeu a dizer: “Não sei nada sobre o roubo das, como se diz?, das ‘Joias da Coroa’, sou apenas um pobre caipira espanhol”, para o caso de ter que se passar por um pobre caipira espanhol ao fugir da cena do crime.

Na de alemão, aprendeu a dizer... Bom, tenho certeza de que vocês captaram a ideia.

Na aula de ciências, ele perguntou ao professor como seria possível furar um vidro à prova de balas. Mesmo se eles conseguissem chegar à Casa das Joias, pegá-las não seria fácil, pois ficavam protegidas atrás de um vidro de vários centímetros de espessura.

Na aula de artes, ele usou palitos de fósforo para fazer uma detalhada maquete da Torre de Londres e poder simular o ousado golpe.



A semana passou voando. A escola nunca tinha sido tão divertida. E o que era mais importante: pela primeira vez na vida, Ben mal podia esperar para encontrar a avó.

Na tarde de sexta-feira, ao sair da escola, Ben sentia que possuía todas as informações necessárias para concretizar aquele plano tão ousado.

O roubo das Joias da Coroa ocuparia por semanas e semanas os noticiários da tevê, estaria em todos os sites e sairia em letras garrafais na capa de todos os jornais de todos os países do mundo. Mas ninguém, ninguém mesmo, iria suspeitar que os ladrões eram, na verdade, uma velhinha e um menino de onze anos. O crime do século seria um sucesso!

Horário de visita

— Você não vai poder ficar com sua avó esta noite — disse o pai.

Eram quatro horas da tarde de sexta e Ben tinha acabado de chegar da escola. Era estranho seu pai estar em casa tão cedo. Ele normalmente só saía do trabalho depois das seis.

— Por que não? — perguntou Ben, percebendo que o pai tinha uma expressão séria, de preocupação.

— Infelizmente tenho más notícias, filho.

— O quê? — perguntou Ben, também ficando preocupado.

— Sua avó está no hospital.

* * *

Pouco depois, quando finalmente encontraram uma vaga para estacionar, Ben e os pais cruzavam as portas automáticas do hospital. Ben tinha suas dúvidas de que eles algum dia conseguiriam encontrar a avó ali. O hospital era altíssimo e imenso, um enorme monumento à doença.

Havia elevadores para outros elevadores.

Corredores de um quilômetro de extensão.

Por toda parte, placas que Ben não entendia:

UNIDADE CORONARIANA

RADIOLOGIA

OBSTETRÍCIA

TRIAGEM

RESSONÂNCIA MAGNÉTICA

Pacientes com expressões confusas eram empurrados em macas ou cadeiras de rodas de um lado para o outro, enquanto médicos e enfermeiras — que pareciam não dormir havia dias — passavam correndo por eles.

Quando finalmente acharam a enfermaria onde a avó estava internada, lá no décimo nono andar, Ben de início não a reconheceu.

Seu cabelo estava grudado na cabeça, os óculos e a dentadura haviam sumido e, em vez

das próprias roupas, ela usava uma camisola do hospital. Era como se todas as coisas que a tornavam sua avó lhe houvessem sido tiradas e agora aquela fosse apenas uma casca.

Ben ficou muito triste ao vê-la daquele jeito, mas tentou não demonstrar. Não queria deixá-la chateada nem preocupada.

— Olá, meus queridos — disse ela.

Sua voz estava rouca e ela falava de modo meio pastoso. Ben teve que respirar fundo para não começar a chorar.

— Como está se sentindo, mãe? — perguntou o pai.

— Meio estabanada — respondeu ela. — Eu levei um tombo.

— Um tombo? — repetiu Ben.

— É. Não lembro direito como aconteceu. Eu estava pegando uma lata de sopa de repolho no alto do armário e, quando dei por mim, estava deitada no chão olhando para o teto. Minha prima Edna me ligou várias vezes lá da casa de repouso onde mora. Como eu não atendi, ela chamou uma ambulância.

— Quando foi isso, vovó? — perguntou Ben.

— Deixe-me pensar. Eu estava deitada no chão da cozinha faz dois dias, então deve ter sido na quarta-feira de manhã. Não conseguia me levantar para alcançar o telefone.

— Sinto muito, mãe — disse baixinho o pai.

Ben nunca o vira tão chateado.

— Que coisa, não? Eu ia ligar para a senhora justo na quarta. Sabe, só para bater um papo, ver como a senhora estava — mentiu a mãe de Ben.

Ela nunca telefonara para a sogra na vida, e das poucas vezes que vovó ligava, a mãe de Ben fazia de tudo para largar o telefone o mais rápido possível.

— Você não tinha como saber, querida — disse a avó. — Eles fizeram vários exames hoje de manhã para ver o que há de errado comigo. Radiografias, ressonâncias, essas coisas. Os resultados saem amanhã. Espero não ter que ficar muito tempo aqui.

— Eu também — disse Ben.

Então fez-se um silêncio desconfortável.

Ninguém sabia ao certo o que dizer ou fazer.

A mãe de Ben cutucou o marido hesitantemente e indicou o relógio.

Ben sabia que hospitais a deixavam desconfortável. Dois anos antes, quando ele fizera a cirurgia no apêndice, ela só o visitara duas vezes, e mesmo assim suava e não parava de se mexer.

— Certo, é melhor irmos embora — disse o pai.

— Sim, sim, podem ir — disse a avó, com leveza na voz, mas tristeza nos olhos. — Não precisam se preocupar comigo, eu vou ficar bem.

— Não podemos ficar um pouco mais? — arriscou Ben.

A mãe lançou um olhar angustiado para ele, que o pai percebeu.

— Não, vamos embora, Ben, sua avó precisa descansar por algumas horas — disse o pai,

levantando-se e preparando-se para ir embora. — Estou bastante ocupado, mãe, mas vou tentar dar uma passada aqui no fim de semana.

Ele deu tapinhas na cabeça da mãe, como se faz com um cachorro. Foi um gesto estranho; o pai não era dado a contato físico.

Ele então se virou para ir embora, e com isso a mãe de Ben deu um sorriso fraco, agarrou o filho relutante pelo pulso e o arrastou pela enfermaria.

* * *

Mais tarde naquela mesma noite, já em seu quarto, Ben organizava diligentemente toda a informação que reunira na escola durante a semana.

Vamos mostrar a eles, vovó, pensou Ben, enfurecido. *Vou fazer isso por você.* Agora que a avó estava doente, ele estava mais determinado que nunca a prosseguir com seu plano.

Tinha até a hora do chá para planejar o maior roubo de joias da história.

Um pequeno artefato explosivo

Na manhã seguinte, enquanto os pais ouviam música atrás de música para escolher a trilha sonora da apresentação do filho no concurso de dança, Ben saiu de casa escondido e foi de bicicleta até o hospital.

Quando encontrou a enfermaria da avó, havia um médico de óculos ao lado da cama dela. Mesmo assim ele correu até lá, animado para vê-la e contar-lhe seu plano.

O médico segurava a mão dela e falava alguma coisa baixinho.

— Por favor, Ben, deixe-nos sozinhos por um instante — disse ela. — O doutor e eu estamos apenas conversando sobre, você sabe, coisas de mulher.

— Ah, hã... Está certo — concordou Ben.

Ben voltou pelas portas vaivém e ficou folheando um exemplar antigo de uma revista de fofocas.

Ao passar por ele, o médico disse:

— Sinto muito. — E em seguida se afastou.

Sinto muito?, pensou Ben. *Por que ele sente muito?*

Então ele se aproximou a passos hesitantes do leito da avó.

Ela estava esfregando os olhos com um lenço, mas quando viu Ben se aproximar enfiou-o na manga da camisola.

— A senhora está bem, vó? — perguntou ele, com carinho.

— Sim, estou bem. Foi só um cisco que entrou no meu olho.

— Então por que o médico me disse “sinto muito”?

A vovó ficou confusa por alguns instantes.

— Hã... Sabe, acho que ele sente muito por ter feito você perder tempo vindo aqui. A verdade é que descobrimos que não tem absolutamente nada de errado comigo.

— É mesmo?

— Sim. O médico me entregou os resultados dos exames. Estou forte como um touro.

Ben nunca ouvira essa expressão antes, mas imaginou que devia significar muito, muito em forma.

— Que ótima notícia, vovó — exclamou Ben. — Mas mudando de assunto: eu sei que a senhora já disse “não” antes...

— É o que estou pensando, Ben? — perguntou a avó.

Ben fez que sim com a cabeça.

— Eu disse “não” mil vezes.

— É, mas...

— Mas o quê, meu rapaz?

— Eu descobri um jeito de entrar na Torre de Londres. E passei a semana inteira elaborando um plano para roubarmos as joias. Acho que é realmente possível.

Para a surpresa dele, a avó pareceu intrigada.

— Feche as cortinas e fale baixo — sussurrou ela, aumentando o volume de seu aparelho de audição até o máximo.

Ben rapidamente puxou as cortinas em torno do leito da avó e se sentou ao lado dela.

— Quando der meia-noite, atravessamos o Tâmis usando roupas de mergulho e localizamos a antiga tubulação de esgoto, que fica aqui — sussurrou Ben, mostrando a ela a planta detalhada no número antigo da *Revista do Encanador*.

— Nadar por uma tubulação de esgoto?! Na minha idade?! — exclamou a vovó. — Isso é maluquice, garoto!

— Psiu, fale baixo — disse Ben.

— Ops — sussurrou a vovó.

— E não é maluquice. É brilhante. A tubulação é larga o bastante, veja aqui...

A vovó se ergueu dos travesseiros nos quais estava recostada e aproximou o rosto da página da revista. Analisou a planta. Os canos pareciam mesmo bem largos.



— Pois então, se formos pela tubulação, poderemos entrar na Torre sem que ninguém perceba — prosseguiu Ben. — Por todo o perímetro da Torre há guardas armados, câmeras de segurança e sensores a laser. Se escolhermos outra entrada, não teremos nenhuma chance.

— Sim, sim, sim, mas depois como diacho vamos entrar na Casa das Joias, que é onde as Joias da Coroa ficam guardadas? — murmurou ela.

— A tubulação de esgoto termina em uma latrina.

— Hein?

— Latrina, outra palavra para vaso sanitário.

— Ah, sim, claro.

— Da latrina é uma corrida curta...

— *Cof cof!*

— Hã, quer dizer, uma *caminhada* curta pelo pátio até a Casa das Joias. À noite, é óbvio que a porta é trancada com milhões de cadeados.

— Provavelmente bilhões!

A avó não parecia muito confiante. Ora, Ben só precisava convencê-la!

— A porta é de aço maciço, então temos que desaparafusar todas as trancas para poder abri-la.

— Mas aposto que as coroas, os cetros e todo o resto ficam atrás de vidros à prova de balas, Ben.

— Verdade, mas não é à prova de bombas. Vamos preparar um pequeno artefato explosivo para destruir o vidro.

— Um artefato explosivo?! — reagiu a avó. — Onde é que vamos conseguir isso, meu Deus?

— Eu peguei alguns produtos químicos na aula de ciências — respondeu Ben, com um sorrisinho malicioso. — Tenho quase certeza de que consigo produzir uma bomba capaz de quebrar aquele vidro.

— Mas os guardas vão ouvir a explosão, Ben. Não, não, não. Lamento, mas isso não vai funcionar nunca! — exclamou a avó, o mais baixo que pôde.

— Ah, mas eu já pensei em tudo — disse Ben, satisfeítíssimo com a própria engenhosidade. — A senhora vai precisar embarcar em um trem para Londres nesse mesmo dia e fingir que é só uma doce velhinha...

— Eu *sou* uma doce velhinha! — protestou a vovó.

— Você me entendeu — prosseguiu Ben, com um sorriso. — Da estação, vai pegar o ônibus 78 até a Torre de Londres. E, chegando lá, vai oferecer aos guardas um bolo de chocolate com alguma coisa dentro que faça todos eles dormirem.

— Ah, eu podia usar meu tônico de ervas especial para insônia!

— Hã... Claro, fantástico — disse Ben. — Então os guardas comerão o bolo de chocolate e à noite estarão ferrados no sono.

— Bolo de chocolate? — protestou a vovó. — Tenho certeza de que os guardas iam

preferir meu delicioso bolo caseiro de repolho.*

***Receita de BOLO DE REPOLHO da vovó:**

Pegue seis repolhos grandes e bolorentos

Amasse-os com o espremedor de batatas

Encha um tabuleiro com a massa repolhenta

Asse até que toda a sua casa esteja

cheirando a repolho

Aguarde um mês para o bolo ficar solado

Fatie e sirva (o balde para vomitar é

opcional)

— Hum — fez Ben, constrangido.

Ele não queria chateá-la, mas ninguém comeria uma fatia do bolo de repolho dela a menos que fosse algum parente muito próximo, e mesmo assim provavelmente cuspiria tudo quando ela não estivesse olhando.

— Acho que um bolo de chocolate do mercado seria melhor.

— Bom, você parece ter pensado em tudo. Estou bastante impressionada, sabia? A ideia de usar essa tubulação antiga é genial.

Ben corou de orgulho.

— Obrigado.

— Mas como você descobriu tudo isso? Eles ensinam essas coisas na escola? Esse negócio sobre tubulações de esgoto e sei lá mais o quê?

— Não — respondeu Ben. — É só que... Eu sempre adorei encanamentos. Então me lembrei de uma reportagem sobre tubulações antigas que eu tinha lido na minha revista preferida. — Ele ergueu a *Revista do Encanador*. — Meu sonho é ser encanador.

Ele olhou para baixo, esperando que a avó lhe desse uma bronca ou desdenhasse dele.

— Por que está olhando o chão? — perguntou ela.

— Huum... Ah, eu sei que ser encanador é uma coisa chata e sem graça. Sei que deveria querer ser algo mais interessante.

Ben sentiu o rosto esquentar e ficar vermelho.

A avó pôs a mão no queixo dele e levantou sua cabeça com delicadeza.

— Nada do que você fizer jamais será chato e sem graça, Ben — disse ela. — Se deseje ser encanador, e este é seu sonho, então ninguém vai poder impedi-lo. Você entendeu? Nessa vida, temos mesmo é que seguir nossos sonhos. Senão só estaremos perdendo tempo.

— É... Acho que sim.

— Tomara mesmo que ache. De verdade! Você diz que o trabalho de um encanador é chato, mas veja só você, planejando roubar as Joias da Coroa, caramba... E tudo graças ao seu amor por tubulações!

Ben sorriu. Talvez a avó tivesse razão.

— Mas eu tenho uma pergunta, Ben.

— O quê?

— Como vamos escapar? Esse plano não nos serve de nada se formos pegos com a boca na botija, querido.

— Eu sei, vovó, por isso pensei em sairmos pelo mesmo lugar por onde entramos, pela tubulação de esgoto, e cruzar o Tâmis de novo. São apenas cinquenta metros, e eu já nado mais de cem na aula de educação física. Vai ser moleza.

A vovó mordeu o lábio. Obviamente ela não tinha tanta certeza de que nada daquilo seria moleza, muito menos atravessar a nado um rio com uma correnteza forte no meio da noite.

Ben olhou para ela com esperança nos olhos.

— E aí, fechado, vovó? Ainda é uma grande criminosa?

Por alguns momentos ela ficou perdida em pensamentos.

— Por favor — implorou Ben. — Eu adorei ouvir sobre suas aventuras e queria muito participar de um golpe com a senhora. E este seria o maior de todos: roubar as Joias da Coroa. Você mesma disse que era o sonho de todo grande ladrão. E então? Topa ou não?

Ela encarou o neto, cujo rosto brilhava de empolgação. E alguns instantes depois, murmurou:

— Topo.

Ben pulou da cadeira e a abraçou.

— Oba!

A avó ergueu os braços fracos para retribuir o abraço. Era a primeira vez em anos que ela realmente o abraçava.

— Mas tenho uma condição — disse a velhinha com uma expressão mortalmente séria no rosto.

— Qual? — sussurrou Ben.

— Vamos devolver as joias na noite seguinte.

Bum, bum, bum

Ben não podia acreditar no que a avó tinha acabado de dizer. De jeito nenhum que ele iria correr todo aquele risco para roubar as joias só para devolvê-las no dia seguinte.

— Mas elas valem milhões, talvez bilhões... — reclamou ele.

— Eu sei. Por isso com certeza seríamos pegos se tentássemos vendê-las — respondeu a avó.

— Mas...

— Sem “mas”, rapazinho. Voltamos lá na noite seguinte e devolvemos tudo. Sabe como eu escapei da prisão por todos esses anos? Eu nunca vendi nada, só roubava pela emoção.

— Mas a senhora guardou todas as joias — contestou Ben. — Mesmo não vendendo nada. Aquela lata de biscoitos está cheia de peças roubadas.

A avó pensou um pouco.

— É verdade, mas, bem, na época eu era jovem e tola — disse ela. — Desde então, aprendi que roubar é errado. E você também precisa entender isso.

Ela lhe lançou um olhar severo, que o fez se sentir desconfortável.

— Eu entendo, claro que entendo...

— Você criou um plano brilhante, Ben, tenho que admitir. Mas aquelas joias não nos pertencem, não é mesmo?

— Não — disse Ben. — Não nos pertencem.

Ele agora se sentia um pouco envergonhado por ter ficado tão horrorizado com a ideia de devolver as joias.

— E não se esqueça de que todo policial neste país, talvez no mundo, estará à procura das Joias da Coroa. Toda a Scotland Yard estará atrás de nós. Se formos pegos com elas, passaremos o resto de nossas vidas na prisão. Isso pode não ser muito tempo para mim, mas para você serão setenta ou oitenta anos.

— A senhora tem razão.

— E a rainha parece uma velhinha tão simpática... Na verdade, nós duas temos mais ou menos a mesma idade. Não quero deixá-la chateada.

— Eu também não — murmurou Ben.

Ele já tinha visto a rainha no noticiário um monte de vezes e ela parecia uma velhinha simpática, sempre sorridente e acenando para todo mundo do banco traseiro de seu carro.

— Vamos fazer isso só pela emoção. Combinado?

— Combinado! — disse Ben. — Mas quando? Tem que ser uma sexta-feira, que é quando meus pais me levam para passar a noite na sua casa. O médico disse quando a senhora vai sair

do hospital?

— Huum... Disse, claro, ele falou que eu devo ser liberada a qualquer momento.

— Fantástico!

— Mas tem que ser logo. Que tal sexta que vem?

— Não é muito cedo?

— De jeito nenhum! Seu plano parece muito bem pensado, Ben.

— Obrigado — disse ele, todo orgulhoso.

Era a primeira vez na vida que ele sentia ser motivo de orgulho para algum adulto.

— Quando eu sair daqui, vou providenciar todo o equipamento necessário. Agora vá para casa, Ben; vejo você na próxima sexta, no horário de sempre.

Ben abriu as cortinas. O Sr. Parker, o vizinho bisbilhoteiro da vovó, estava bem ali!

Assustado, o menino deu alguns passos para trás na direção da cama, e rapidamente enfiou a *Revista do Encanador* nas costas do suéter.

— O que *o senhor* está fazendo aqui? — perguntou Ben.

— Tentando me ver tomar banho na cama, aposto! — disse a avó.

Ben riu.

O Sr. Parker tentava encontrar o que dizer:

— Não, não, eu...

— Enfermeira! ENFERMEIRA! — gritou a vovó.

— Espere! — disse o Sr. Parker, entrando em pânico. — Tenho certeza de que ouvi um de vocês falando em roubar as Joias da Coroa...

Tarde demais. A enfermeira, uma mulher muito mais alta que a média e com pés bem grandes, veio rapidamente, seus passos largos ressoando pela enfermaria.

— Pois não? Algum problema?

— Este homem estava me espiando pelas cortinas! — acusou a avó.

— É verdade? — perguntou a enfermeira, encarando o Sr. Parker.

— É que, hã, eu ouvi eles dizendo que iam... — balbuciou o velho enxerido.

— Semana passada ele ficou espiando minha avó fazer ioga nua em casa — entregou Ben.

O rosto da enfermeira ficou roxo de horror.

— Saia da minha enfermaria imediatamente, seu porco imundo! — gritou ela.

Humilhado, o Sr. Parker recuou diante da assustadora enfermeira e se afastou às pressas.

No entanto, ao chegar às portas vaivém, virou-se e gritou para a vovó e Ben:

— VOCÊS NÃO VÃO SE LIVRAR DE MIM TÃO FACILMENTE!

E foi embora rapidinho.

— Não deixe de me avisar se esse homem aparecer de novo — disse a enfermeira.

O rosto dela estava começando a recuperar a tonalidade normal.

— Pode deixar — respondeu a avó, e a enfermeira voltou para suas tarefas.

— Ele pode ter escutado tudo! — sussurrou Ben.

— Talvez — retrucou a avó. — Mas acho que a enfermeira deu um jeito nele!

— Espero que sim.

Ben estava muito preocupado com aquele infeliz desenrolar dos acontecimentos.

— Ainda quer continuar com o plano? — perguntou a velhinha.

Ben se sentia como se estivesse subindo lentamente os trilhos de uma montanha-russa: queria sair dali, mas ao mesmo tempo queria ficar. Medo e prazer juntos em uma coisa só.

— Quero! — disse ele.

— É isso aí! — exclamou a vovó, abrindo um grande sorriso.

Ben se virou para ir embora, mas então parou, olhou para a avó e disse:

— Eu... eu amo você, vovó.

— Eu também amo você, meu pequeno Benny — disse ela com uma piscadela.

Ben estremeceu. Agora tinha uma avó vigarista, e isso era muito legal, mas teria que ensiná-la a chamá-lo apenas de Ben!

* * *

Ben saiu correndo pelos corredores, seu coração batendo incrivelmente rápido.

Bum, bum, bum.

Ele estava eletrizado. Aquele menino de onze anos, que nunca havia feito nada de notável na vida além de vomitar na cabeça do amigo na roda-gigante, ia participar do roubo mais ousado da história.



Saiu correndo do hospital e começou a procurar a chave do cadeado de sua bicicleta. Então, ao erguer os olhos, viu algo inacreditável.

Era sua avó.

Aquilo, por si só, não tinha nada de estranho.

Mas a questão era:

Ela estava descendo pela janela do hospital.

A velinha tinha amarrado vários lençóis um no outro e agora estava descendo rapidamente pela lateral do prédio por essa corda improvisada.

Ben não podia acreditar no que via. Ele sabia que a avó era uma criminosa de alto nível, mas aquilo já era demais!

— O que diabos a senhora está fazendo?! — gritou Ben do estacionamento.

— O elevador não estava funcionando, querido! Vejo você na sexta. Não se atrase! — gritou ela, para logo depois saltar para o chão, subir em seu carrinho elétrico e acelerar para longe dali. Quer dizer, se arrastar dali naquela lerdeza.

Uma semana nunca demorou tanto a passar.

Ben esperou a semana inteira pela sexta-feira. Cada minuto, cada hora, cada dia pareciam uma eternidade.

Era estranho ter que fingir ser apenas um menino comum quando na verdade ele era uma das maiores mentes criminosas do mundo.

Finalmente, a sexta-feira chegou. Ben ouviu alguém batendo na porta de seu quarto.

TOC-TOC-TOC.

— E aí, está pronto, filho? — perguntou o pai.

— Estou — disse Ben, tentando aparentar o máximo de inocência possível, o que na verdade é muito difícil quando você está se sentindo extremamente culpado. — Não precisa me buscar muito cedo amanhã. Vovó e eu sempre fazemos palavras-cruzadas até tarde.

— Você não vai fazer palavras-cruzadas, filho — disse o pai.

— Não?

— Não. Hoje você nem vai para a casa da sua avó.

— Ah, não! — exclamou Ben. — Ela voltou para o hospital?

— Não, nada disso.

Ben deu um suspiro de alívio, mas, em seguida, sentiu uma pontada de medo.

— Então por que não posso ir para a casa dela?

O plano estava finalizado e não havia tempo a perder!

— Porque — respondeu seu pai — esta noite é o concurso de dança para crianças. Finalmente chegou seu grande momento de brilhar!

O sapato de sapateado

Ben estava sentado em silêncio no banco de trás do pequeno carro marrom dos pais vestindo o traje “Explosão de Amor”.

— Espero que não tenha se esquecido do concurso, Ben — disse a mãe enquanto retocava a maquiagem, sem querer riscando o rosto de batom quando eles fizeram uma curva.

— Não, claro que não, mãe.

— Não se preocupe — completou o pai, dirigindo com o orgulho de quem está levando o filho para a imortalidade dos concursos de dança. — Você ensaiou tanto no seu quarto que sei que vai conseguir as notas máximas de todos os jurados. Vai ser dez atrás de dez!

— E a vovó? Será que ela não vai ficar me esperando? — perguntou Ben, tenso.

Aquela era a noite combinada para o roubo das Joias da Coroa, mas em vez disso ele estava a caminho de um concurso de dança, apesar de nunca ter dado uma pirueta na vida.

Nas duas semanas anteriores, ele tinha evitado pensar no concurso, mas a hora tinha chegado.

Ia mesmo acontecer.

Ben ia fazer um número solo de dança.

E ele nem tinha preparado uma coreografia.

Em frente a um auditório lotado de gente...

— Ah, não se preocupe com sua avó — disse a mãe. — Ela nem sabe que dia é hoje! — Ela riu, o carro parando bruscamente em um sinal vermelho e o rímel se espalhando por toda a sua testa.

Eles chegaram à sede da prefeitura. Ben via uma torrente de lycra multicolorida adentrando o prédio.

Se alguém na escola descobrisse que ele era um dos participantes, seria seu fim. Os valentões teriam a munição perfeita para transformar sua vida em um inferno. E pior: ele não tinha ensaiado seu número. Nem uma só vez. Não tinha ideia do que iria fazer no palco.

Aquele concurso ia revelar os melhores dançarinos infantis da região. Havia prêmios para o melhor casal, o melhor solo masculino e o melhor solo feminino.

O vencedor daquela noite teria a chance de representar seu estado e, vencendo os outros estados, teria a chance de representar seu país.

Aquele era o primeiro passo na estrada do superestrelato internacional na dança. E o apresentador da noite era ninguém menos que o galã de *Dançando com Superestrelas* e ídolo de sua mãe, Flavio Flavioli.

— É maravilhoso ver tantas belas mulheres aqui esta noite — ronronou ele com seu

sotaque italiano.

Flavio parecia ter ainda mais brilho na vida real. Seu cabelo era liso e negro, os dentes muito brancos e o figurino tão justo que ele parecia estar enrolado em filme plástico.

— Mas o que eu quero saber é: estamos todos prontos para uma rumba?

A plateia gritou em uníssono:

“Sim!”

— Não estou ouvindo vocês. Eu perguntei: estamos prontos para uma rumba?

“Sim!”, gritaram um pouco mais alto.

Ben ouvia tudo dos bastidores, os nervos à flor da pele. Ele escutou uma voz gritando “Eu amo você, Flavio!” que soou suspeitamente parecida com a de sua mãe.

Ben olhou ao redor do camarim. Aquele evento bem que poderia ser a convenção das crianças mais chatas do mundo. Todas pareciam tão insuportavelmente precoces, enfeitadas com aqueles figurinos extravagantes de lycra, cobertas de autobronzeador e com dentes tão brancos e reluzentes que sem dúvida podiam ser vistos do espaço sideral.

Ben olhava cheio de ansiedade para seu relógio, sabendo que ia se atrasar terrivelmente para encontrar a avó. Ele esperou e esperou enquanto aquelas crianças excessivamente maquiadas valsavam, tangavam, foxtrotavam e cha-cha-chavam.

Até que finalmente chegou sua vez. Ele esperou nas coxias enquanto Flavio o apresentava:

— Agora é a vez de um menino daqui mesmo da cidade, que vai nos deliciar com um número solo de dança. Por favor, palmas para Ben!

Flavio deslizou para fora do palco quando Ben surgiu, meio sem jeito, sentindo o figurino de lycra “Explosão de Amor” enfiando-se desconfortavelmente no seu bumbum.

Ben ficou sozinho no meio da pista de dança. Um refletor lançou luz sobre ele. A música começou. Ele estava rezando para que houvesse alguma escapatória. Ficaria feliz se qualquer coisa acontecesse, simplesmente qualquer coisa, entre elas:

Alguém disparar o alarme de incêndio

Um terremoto

A Terceira Guerra Mundial

Outra Era Glacial

Um enxame mortal de abelhas assassinas

Um meteoro despencar do espaço, colidir com a Terra e deslocá-la de seu eixo

Um tsunami

Flavio Flavioli ser atacado por centenas de zumbis ávidos por miolos

Um furacão/tornado (ele não sabia exatamente a diferença entre um e outro, mas qualquer um serviria)

Uma nave alienígena abduzi-lo e não retornar à Terra por milhares de anos

Dinossauros voltarem à Terra através de alguma espécie de portal espaço-temporal, entrarem pelo teto e devorarem todo mundo ali

Uma erupção vulcânica, apesar de, infelizmente, ele achar que não havia vulcões por perto

Um ataque de lesmas gigantes

Até um ataque de lesmas de tamanho médio serviria

* * *

Ben não estava exagerando. Qualquer uma dessas alternativas teria servido.

A música tocou por algum tempo, e Ben se deu conta de que ainda não tinha se mexido. Olhou para os pais, que sorriam de felicidade ao ver o filho finalmente no centro do palco.

Olhou para as coxias, de onde o sempre sorridente Flavio Flavioli lhe mandava um sorriso de encorajamento.

Por favor, que o chão se abra agora mesmo...

Não abriu.

Não havia escolha além de fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele começou a movimentar as pernas, e então os braços, depois a cabeça. Nenhuma parte de seu corpo se movia no ritmo ou em sequência, e pelos cinco minutos seguintes ele balançou o corpo freneticamente na pista de dança em um estilo que só podia ser classificado como inesquecível: por mais que você tentasse, não conseguiria esquecer.



Ele tentou fazer uma pirueta no final, justo quando a música parou, e pousou no chão com um baque surdo.

Fez-se silêncio.

Um silêncio ensurdecedor.

Então ele ouviu uma única pessoa começar a aplaudir. Ele ergueu os olhos.

Era sua mãe.

Depois outra pessoa se juntou a ela.

Era seu pai.

Por alguns segundos ele achou que aquele podia ser um desses momentos que a gente vê nos filmes, quando o fracassado supera todas as dificuldades: que logo todo mundo no salão estaria de pé aplaudindo e dando vivas ao garoto local que finalmente tinha deixado os pais orgulhosos e, ao mesmo tempo, reinventado a dança para sempre.

E fim de filme.

Mas, bem, não foi assim. Não foi isso o que aconteceu.

Após alguns instantes, seus pais se sentiram envergonhados por serem as únicas pessoas aplaudindo e pararam.

Flavio voltou ao palco.

— Ora, isso foi, isso foi... — Pela primeira vez o galã italiano parecia estar sem palavras.
— Jurados, é hora de dar suas notas para Ben.

— Zero — disse o primeiro.

— Zero.

— Zero.

Só faltava mais uma nota. Será que Ben ia ganhar quatro zeros?

Mas a última jurada deve ter sentido pena do garotinho suado que provavelmente tinha envergonhado sua família por várias gerações com aquela exibição épica de falta de talento. Ela remexeu nas placas de notas sob a mesa.

— Um — anunciou.

O público gritou e vaiou, por isso ela corrigiu a nota:

— Perdão, eu quis dizer zero.

E ergueu a placa que escolhera originalmente.

— Notas um tanto decepcionantes dos juízes — disse Flavio, ainda fazendo esforço para sorrir. — Mas, meu jovem, nem tudo está perdido. Como foi o único rapaz a se inscrever na categoria solo esta noite, você é o vencedor. Por isso, lhe entrego esta estatueta de plástico maciço.

Flavio pegou um troféu de aparência barata moldado no formato de um menino dançando e o entregou a Ben.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas, uma salva de palmas para Ben!

Mais uma vez o silêncio. Nem os pais dele ousaram aplaudir.

Então começaram as vaias, depois as zombarias e então os gritos: “QUE VERGONHA!”,

“NÃO!”, “ISSO É ARMAÇÃO!”.

O sorriso perfeito de Flavio começou a se desfazer. Ele se abaixou e sussurrou no ouvido de Ben:

— É melhor você sair daqui antes de ser linchado.

Naquele exato momento, um sapato de sapateado foi arremessado dos fundos da plateia. Provavelmente o alvo era Ben, mas acabou atingindo Flavio bem na testa, fazendo-o cair inconsciente no chão.

Hora de me despedir e cair fora, pensou Ben.



Os valentões da gangue de lycra

Uma multidão revoltada de fãs de dança de salão perseguia o pequeno carro marrom pela rua. Olhando pelo vidro de trás, Ben pensou que aquela devia ser a única vez na história que alguém era perseguido por um grupo formado exclusivamente de pessoas usando lycra.

O pai pisou fundo no acelerador...

VVVVVVRRRRRRRRRR

RRRRRRROOOOOOOO

OOMMMMMMMMMMM!

... Então eles viraram uma esquina e perderam os linchadores de vista.

— Graças a Deus eu estava lá para fazer respiração boca a boca em Flavio! — disse a mãe, do banco da frente.

— Ele só estava inconsciente, mãe. Não tinha parado de respirar — retrucou Ben, do banco de trás.

— Precaução nunca é demais — respondeu ela, retocando o batom, já que o gastara todo beijando o rosto e o pescoço de Flavio.

— Sua apresentação foi, em uma palavra, horrorosa e vergonhosa — pronunciou-se o pai.

— Isso são duas palavras — corrigiu Ben, com uma risadinha. — Três, se contar o “e”.

— Não banque o espertinho comigo, rapaz — respondeu o pai, mal-humorado. — Isso não é motivo de piada. Eu tive vergonha de você. Vergonha.

— Isso mesmo, vergonha — concordou a mãe.

Ben daria qualquer coisa para desaparecer. Abriria mão de todo o seu passado e futuro desde que não tivesse que estar ali, naquele momento, sentado no banco traseiro do carro dos pais.

— Sinto muito, mãe — disse Ben. — Eu queria deixá-los orgulhosos, queria mesmo.

Aquilo era verdade: deixar os pais envergonhados, bem, era sem dúvida a última coisa que ele queria, por mais estúpidos que eles parecessem às vezes.

— Pois você tem um jeito estranho de demonstrar isso — disse a mãe.

— Eu só não gosto de dançar.

— Essa não é a questão. Sua mãe passou horas fazendo seu figurino — disse o pai.

É estranho o modo incisivo como os pais se referem um ao outro como “seu pai” ou “sua mãe” quando estão dando uma bronca, como se o termo de repente assumisse uma carga sombria.

— Você não fez nenhum esforço lá no palco — prosseguiu o pai. — Acho que você nem ensaiou. Nem uma única vez. Nós trabalhamos o dia inteiro para lhe dar as oportunidades que nunca tivemos, e é assim que você nos agradece...

— Com desprezo — acusou a mãe.

— Desprezo — repetiu o pai.

Uma única lágrima escorreu pelo rosto do menino. Ele a pescou com a língua. Tinha um gosto amargo. Os três permaneceram em silêncio até estacionarem em frente à casa.

Não disseram uma palavra ao descerem do carro e entrarem na casa. Assim que o pai girou a chave, Ben correu para seu quarto e bateu a porta. Ficou sentado na cama, ainda em seu traje “Explosão de Amor”.

Ben nunca se sentira tão solitário. Estava muito atrasado para encontrar a avó. Não só tinha decepcionado os pais como tinha decepcionado também a pessoa que ele passara a amar mais do que qualquer outra: a avó.

Agora eles nunca iriam roubar as Joias da Coroa.

Exatamente naquele instante, Ben ouviu uma batidinha na janela.

Era a vovó.

Usando um traje de mergulho, a velhinha tinha subido por uma escada até a janela do quarto dele.

— Abra! — disse ela, mexendo a boca de modo exagerado, embora ele não estivesse ouvindo nada.

Ben não conseguiu evitar um sorriso. Abriu a janela e puxou a avó para dentro, como um pescador puxando um peixe bem grande para seu barco.

— Você está muito atrasado — repreendeu-lhe enquanto Ben a conduzia até a cama.

— Eu sei, sinto muito.

— Combinamos de nos encontrar às sete. Já são dez e meia. O tônico que eu dei aos guardas da Torre logo vai perder o efeito.

— Sinto muito mesmo. É uma longa história — disse Ben.

A vovó se sentou na cama e o olhou de cima a baixo.

— E por que você está vestido como um cupido maluco? — perguntou ela.

— Como eu disse, é uma longa história...

Digamos que a vovó não podia falar da roupa dele, estando ela própria com traje completo de mergulho, máscara e tudo, mas naquele instante não havia tempo para entrar nessa discussão.

— Rápido, rapaz, vista a roupa de mergulho e desça depois de mim pela escada. Vou aquecendo meu carrinho elétrico.

— Vamos mesmo roubar as Joias da Coroa, vovó?

— Ora, vamos pelo menos tentar! — disse a velhinha, com um sorriso.

Pegos pela polícia

Lá foram eles seguindo vagorosamente pela cidade, o carrinho elétrico zunindo. Vovó estava na direção e Ben se segurava na garupa, ambos com trajes de mergulho e máscaras. Na cestinha do veículo ia a bolsa da vovó, embrulhada em quilômetros de filme plástico.

Ao ver Raj fechando a banca de jornal, a vovó gritou para ele:

— Olá, Raj querido, não se esqueça de guardar uns pacotes de bala de menta para mim na segunda-feira!

Raj olhou em choque para a dupla, boquiaberto.

— Não sei o que deu nele. Costuma ser tão falante!

Era uma boa distância até Londres, ainda mais em um carrinho elétrico com velocidade máxima de cinco quilômetros por hora (com dois passageiros).

Depois de algum tempo, Ben percebeu que as ruas começaram a ficar cada vez mais largas, com duas pistas e, depois, três.

— Meleca! Estamos na autopista! — berrou Ben da garupa enquanto caminhões de dez toneladas passavam desabalados, forçando o carrinho para fora da estrada só com o deslocamento de ar que provocavam.

— Menino, não fale desse jeito. É feio! — disse a vovó. — Agora segure firme, porque vou acelerar!

Logo em seguida um caminhão-tanque imenso passou roncando a centímetros de suas cabeças, buzinando.

— Meleca! E que meleca melecuda! — exclamou a velhinha.

— Vovó! — disse Ben, chocado.

— Ops, escapou! — disse ela.

Os adultos *nunca* davam exemplo.

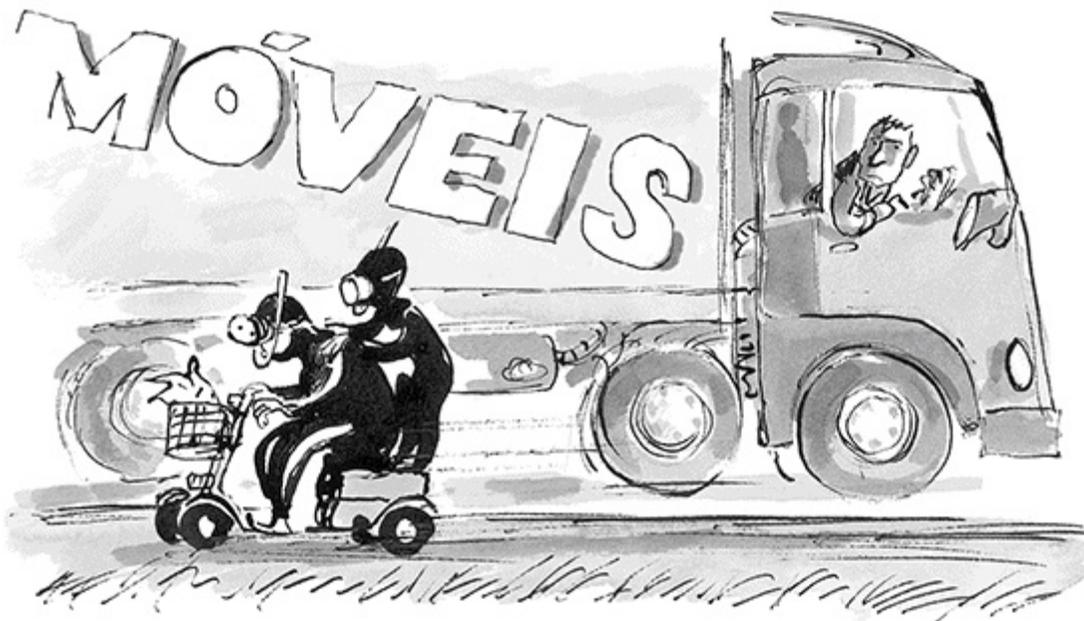
— Vovó, acho que essa coisa não foi feita para andar na autopista — disse Ben.

Justo naquele momento, um caminhão ainda maior passou zunindo. Ben sentiu as rodas do carrinho se erguerem por um segundo no ar, sugadas pelo vácuo do caminhão.

— Vou pegar a próxima saída — gritou a vovó.

Mas antes que ela pudesse fazer isso, ouviram uma sirene e perceberam luzes azuis atrás deles, girando e piscando.

— Ah, não, são os tiras! Vamos ver se conseguimos despistá-los.



Ela forçou ao máximo o carrinho, que pulou de cinco para cinco quilômetros e meio por hora.

O carro da polícia alcançou-os, e o policial lá dentro gesticulou com raiva, mandando eles encostarem.

— Vovó, é melhor a senhora obedecer — disse Ben. — É o fim da linha.

— Deixe que eu cuido disso, rapaz.

Ela parou a motoca no acostamento enquanto a viatura policial estacionava na frente deles, impedindo qualquer possibilidade de fuga. Era um carro grande, que fazia o carrinho elétrico parecer ainda menor, assim como um anão parece pequeno ao lado de... Bem, ao lado de qualquer pessoa.

— Este veículo pertence à senhora? — perguntou o policial.

Ele era gordo e tinha um bigodinho que fazia seu rosto redondo parecer ainda maior. Sua expressão presunçosa sugeria que repreender pessoas era seu passatempo favorito. Ou talvez o segundo melhor, logo depois de comer donuts. No distintivo em seu peito estava escrito Cap. Lorota.

— Algum problema, senhor policial? — perguntou inocentemente a avó, sua máscara um pouco embaçada devido a toda aquela agitação.

— Há um problema, sim. Carrinhos elétricos são absolutamente proibidos em autopistas — respondeu ele, em tom superior.

(Outros meios de transportes que não têm permissão para circular na autopista são:

Skate

Canoa

Patins

Carroça

Carrinho de compras

Monociclo
Trenó
Riquixá
Camelo
Tapete mágico)

— Puxa, muito obrigada por nos alertar, senhor policial. Da próxima vez não vamos esquecer. Agora, se nos dá licença, estamos um pouco atrasados. Até logo! — disse a vovó com um sorriso, já voltando a ligar o carrinho.

— A senhora andou bebendo?

— Tomei um pouco de sopa de repolho antes de sair.

— Eu me refiro a álcool. — Ele suspirou.

— Tomei uma tacinha de licor de chocolate na terça-feira à noite. Isso conta?

Ben não conseguiu segurar uma risadinha.

Os olhos do Cap. Lorota se estreitaram.

— Então a senhora poderia me explicar por que está vestindo esse traje de mergulho e sua bolsa embrulhada em filme plástico?

Não seria fácil explicar aquilo.

— Porque... Porque... Hã... — Vovó não sabia o que responder.

Era o fim da linha para eles.

— Porque somos da Sociedade dos Apreciadores de Filme Plástico — disse Ben com autoridade.

— Eu nunca ouvi falar nisso! — retrucou Cap. Lorota, com desdém.

— Somos uma organização muito recente ainda — disse Ben.

— Temos apenas dois membros — acrescentou vovó. — E gostamos de manter a sociedade bem discreta, por isso fazemos nossas reuniões embaixo d'água, daí a necessidade dos trajes de mergulho.

O policial parecia completamente embasbacado. E a vovó não parava de falar, provavelmente tentando deixá-lo ainda mais atordoado.

— Agora, se nos permite, estamos com certa pressa. Temos que chegar a Londres para uma reunião importante com a Associação dos Apreciadores de Plástico Bolha. Estamos pensando em fundir as duas organizações.

Cap. Lorota ficou sem palavras.

— Quantos membros tem essa outra aí?

— Só um — disse a vovó. — Mas se nos unirmos, podemos economizar muito com saquinhos de chá, fotocópias, clipes de papel e outras coisinhas desse tipo. Até logo!

Ela então pisou fundo no acelerador e o carrinho elétrico arrancou.

— PAREM! — ordenou Cap. Lorota, estendendo as mãos gorduchas à frente.

Ben congelou em pânico. Ainda não tinha nem doze anos e já ia passar o resto da vida na cadeia.

O policial se abaixou e aproximou o rosto do de vovó.

— Eu dou uma carona a vocês.

Água escuras

— Pode nos deixar aqui, por favor — disse a vovó do banco de trás da viatura. — Bem em frente à Torre. Muito obrigada.

O policial teve que se esforçar para tirar o carrinho elétrico da mala do carro.

— Certo, e da próxima vez lembre-se que esse tipo de veículo deve ser usado apenas em calçadas, não em avenidas e muito menos em autopistas.

— Está bem, senhor policial — respondeu a vovó, com um sorriso.

— Então boa sorte para vocês dois com toda a... Hã...Essa coisa de aliança entre o filme plástico e o plástico bolha.

E com isso Cap. Lorota acelerou e desapareceu na noite, deixando vovó e Ben admirando a magnífica e milenar Torre de Londres na margem oposta do rio. Era ainda mais espetacular à noite, com as quatro torres e domos iluminados, seus reflexos reluzindo na superfície fria e escura do Tâmsa.

A Torre antigamente era uma prisão e conta com uma lista de ex-presidiários ilustres (incluindo a então-futura-rainha Elizabeth I, o aventureiro Sir Walter Raleigh, o terrorista Guy Fawkes, o líder nazista Rudolf Hess e os cantores Jedward*). Hoje em dia, entretanto, a Torre é um museu, além de abrigar as valiosas Joias da Coroa em um aposento especial, a Casa das Joias.

A improvável dupla de ladrões estava parada às margens do rio.

— Pronto? — perguntou a vovó, sua máscara completamente embaçada depois de passar mais de uma hora sentada no banco de trás de uma viatura policial.

— Pronto — disse Ben, tremendo de empolgação. — Vamos lá.

Segurando a mão do neto, ela começou a contar:

— Três, dois, um...

E pularam nas águas escuras.

A água estava congelante, mesmo com os trajes de mergulho, e por alguns instantes Ben só via escuridão em volta. Era assustador e emocionante ao mesmo tempo.

Quando suas cabeças despontaram na superfície, Ben tirou o snorkel da boca por um instante.

— Tudo bem com a senhora, vovó?

— Nunca me senti mais viva.

Atravessaram o rio nadando cachorrinho. Ben, nunca tendo sido muito bom em natação, ficou um pouquinho para trás. Desejou secretamente ter levado consigo uma boia ou um colchão inflável.



Um grande barco de festa, com música e jovens falando alto, passava pelo rio. A vovó já estava bem à frente, e Ben a perdeu de vista.

Ah, não!

Será que ela fora atropelada pelo barco?

Será que a vovó estava agora em um túmulo subaquático no fundo do Tâmis?

— Ande logo, seu molenga! — gritou ela quando o barco passou e eles tornaram a ver um ao outro.

Com um suspiro de alívio, Ben continuou a atravessar as águas profundas, escuras e sujas.

Segundo o mapa da *Revista do Encanador*, a tubulação de esgoto ficava bem à esquerda do Portão dos Traidores. (Uma entrada da Torre acessível apenas pelo rio, pela qual muitos prisioneiros eram levados para ser trancafiados pelo resto de suas vidas ou decapitados. Hoje em dia o Portão dos Traidores encontra-se fechado com tijolos, por isso a tubulação de esgoto era a única entrada disponível pelo rio.)

Então, com uma onda de alívio, Ben encontrou a manilha. Estava parcialmente submersa na água. Era escura e assustadora, e ele ouvia os ecos das ondas reverberando no interior.

De repente, o menino começou a repensar toda aquela aventura. Por mais que gostasse de encanamentos, não queria ter que rastejar por uma tubulação de esgoto tão velha.

— Vamos lá, Ben — chamou vovó flutuando na água, sua cabeça subindo e descendo. — Não viemos até aqui para desistir agora.

Certo, pensou Ben. Se uma velhinha pode fazer isso, então é óbvio que eu também posso.

Ele respirou fundo e entrou na tubulação. A vovó foi logo atrás.

Lá dentro reinava a escuridão completa. Depois de avançar alguns metros, Ben sentiu algo andando na sua cabeça. Ouviu um ruído: “iiiiic iiiic”. E sentiu algo arranhar seu couro cabeludo.

Pareciam pequenas garras.

Ele levou a mão à cabeça.

Sentiu algo grande e peludo. Então se deu conta da terrível verdade.

ERA UM RATO!

Uma ratazana gigante estava agarrada a sua cabeça.

— **AAAAAAAHHHHHHHH!** — gritou Ben.

* Este último é invenção minha, mas é que eu adoraria ver os Jedward trancados para sempre na Torre de Londres por crimes contra a música.

Assombrados por fantasmas

O grito de Ben ecoou por toda a tubulação. Arrancando o rato da cabeça, ele acabou jogando o bicho em cima da vovó, que vinha logo atrás dele.

— Coitadinho dele — disse ela. — Seja gentil com os animais, querido.

— Mas...

— Ele estava aqui antes de nós. Agora vamos, temos que correr. O bolo de chocolate com tônico para insônia que eu dei aos guardas deve perder o efeito logo, logo.

A dupla seguiu rastejando pela tubulação. Era tudo úmido e escorregadio lá dentro, além de ter um cheiro horrível. (Infelizmente, eles descobriram que cocô velho ainda fede muito.)

Depois de algum tempo, Ben viu uma nesga acinzentada em meio à escuridão total. Era o fim do túnel, finalmente!

Ele alçou o corpo para fora da antiga latrina de pedra e ajudou a avó a fazer o mesmo. Estavam cobertos dos pés à cabeça de uma esquisita gosma negra, fedida e nojenta.

Parados no interior do banheiro frio e escuro, Ben espiou por uma janela. Pularam por ela e aterrissaram na grama úmida e fria do pátio interno da Torre.

Por alguns momentos eles ficaram agachados ali, contemplando a lua e as estrelas. Ben segurou a mão da avó. Ela apertou a dele com força.

— Isso é incrível — disse o menino.

— Vamos lá, querido — sussurrou ela. — Ainda nem começamos!

Ben então ficou de pé e ajudou a vovó a se levantar. Ela imediatamente começou a desembulhar o filme plástico com o qual impermeabilizara a bolsa.

Aquilo levou vários minutos.

— Acho que exagerei no filme plástico. Mas é melhor pecar por excesso.

Por fim, todo o quilômetro de filme plástico foi desenrolado, e a vovó então pegou um mapa que Ben tinha recortado de um livro da biblioteca da escola para que aqueles dois improváveis ladrões pudessem localizar a Casa das Joias.

Era horripilante estar no pátio da Torre à noite.

Dizem que a construção é assombrada pelos fantasmas das pessoas que morreram naquele local. Ao longo dos anos, muitos guardas fugiram aterrorizados, alegando terem visto, tarde da noite, várias figuras históricas que faleceram ali.

Agora, porém, havia algo ainda mais estranho andando pelo pátio.

A vovó em trajes de mergulho!

— Por aqui — sussurrou ela, e Ben a seguiu por uma passagem entre dois muros. Ele sentia o coração bater tão rápido que teve medo de o órgão explodir.

Após alguns minutos os dois estavam diante da Casa das Joias, de onde viam a torre verde e o monumento aos decapitados ou enforcados ali. Ben se perguntou se ele e sua avó seriam executados caso fossem pegos roubando as Joias da Coroa. Sentiu um calafrio na coluna.

Havia dois guardas caídos no chão, roncando alto. Seus imaculados uniformes em vermelho e preto com o emblema “ER” estavam ficando sujos no chão molhado. O tônico para insônia de ervas no bolo de chocolate da vovó tinha funcionado.

Mas por quanto tempo?



Quando passou correndo por eles, o traseiro da avó emitiu um grasnado familiar. O nariz de um dos guardas se franziu com o cheiro.

Ben prendeu a respiração, não apenas por causa do cheiro, mas também porque estava apavorado.

Será que o pum da avó ia acordar o guarda e arruinar tudo?

Uma eternidade se passou em um único momento...

Então o guarda abriu um olho.

Ah, não!

A vovó empurrou Ben para trás e levantou a bolsa, como se fosse lançá-la contra o guarda.

Uma figura no escuro

Um corredor comprido e sinuoso se estendia diante deles. Era ali que os turistas de todo o mundo passavam horas na fila para ver as Joias da Coroa. Avó e neto seguiram por aquele corredor em silêncio e na ponta dos pés, deixando no chão uma trilha de gotas geladas e fedidas da água do Tâmis.

Finalmente, ao virarem uma curva, chegaram ao salão principal onde eram guardadas todas as joias. Como raios de sol passando por entre nuvens em dias nublados, as joias iluminaram os rostos de Ben e da vovó.

A dupla de ladrões parou, deslumbrada. Ficaram de boca aberta vendo os tesouros dispostos diante deles. Eram mais magníficos do que qualquer um poderia imaginar. Na verdade, era a coleção mais fantástica de objetos preciosos do mundo.

Caro leitor, além de lindas e valiosíssimas, aquelas joias simbolizavam séculos de história. Havia várias coroas reais:

- A coroa de Santo Eduardo, com a qual o novo rei ou rainha é coroado pelo arcebispo de Canterbury durante a cerimônia de coroação. É feita de ouro e decorada com safiras e topázios. Uma joia e tanto!
- A Coroa Imperial do Estado, com três mil gemas preciosas engastadas, entre elas a Pequena Estrela da África (segunda maior pedra lapidada do maior diamante encontrado no mundo. Não, não sei onde está a Grande Estrela).
- A maravilhosa Coroa Imperial da Índia, ornamentada com cerca de seis mil diamantes, rubis e esmeraldas magníficos. Infelizmente não é do meu tamanho.
- A Colher de Unção do século XII, utilizada para ungir o rei ou rainha com óleo consagrado. Não deve ser usada para comer pudim.
- E não podemos esquecer da Ampulla, a pequena jarra de ouro em forma de águia que guarda esse óleo consagrado. É como uma garrafa térmica, só que de gente grã-fina.
- E, finalmente, os famosos orbes e cetros. Quanta tralha, não?

Se as Joias da Coroa fossem itens de um catálogo de compras por correio, seriam apresentadas mais ou menos assim:



Vovó pegou a sacola de supermercado que sempre levava bem dobrada em sua bolsa; estava pronta para enchê-la com as joias.

— Certo, só precisamos arrebentar esse vidro — sussurrou ela.

Ben olhou para a avó sem acreditar.

— Acho meio difícil que todas essas joias caibam aí.

— Puxa, me desculpe, querido — sussurrou ela. — Hoje em dia eles estão cobrando cinco centavos por cada sacola, então só comprei uma.

O vidro tinha vários centímetros de espessura.

E era à prova de balas.

Ben misturou os produtos químicos que tinha surrupiado do laboratório de ciências para fazer um...

CCCCCAAAAAAAAAAABBBBBBBBBBBU

... Se ele conseguisse detoná-los.

Eles grudaram os produtos no vidro com massa epóxi. Depois a avó enfiou na massa a ponta de um novelo de lã cor-de-rosa. (A lã seria um pavio perfeito.) Então ela tirou alguns fósforos sabe-se lá de onde. Eles só não podiam esquecer de manter-se a certa distância,

senão acabariam explodindo junto.

— Tudo pronto, Ben — murmurou a vovó. — Agora vamos para bem longe desse vidro.

A dupla recuou para trás de uma parede, desenrolando a lã cor-de-rosa pelo caminho.

— Quer acender o pavio? — perguntou a vovó.

Ben assentiu. Mas, embora quisesse muito, suas mãos tremiam tanto de empolgação que ele não sabia se ia conseguir.

Ben abriu a caixinha. Só tinha dois fósforos.

Ele riscou o primeiro, mas suas mãos trêmulas o partiram ao meio.

— Ah, querido — murmurou a vovó. — Tente de novo.

Ben pegou o segundo fósforo.

Tentou riscá-lo, mas não aconteceu nada. Devia ter caído um pouco de água da manga de seu traje de mergulho. Agora tanto o fósforo quanto a caixa estavam ensopados.

— Nããããoooo! — gritou ele em desespero. — Meus pais têm razão. Eu sou um inútil. Não consigo nem acender um fósforo!

A avó envolveu o neto em seus braços. O contato fez seus trajes de mergulho soltarem ruídos emborrachados.

— Não fale assim, Ben. Você é um menino maravilhoso. De verdade. Desde que começamos a passar tanto tempo juntos, sou cem vezes mais feliz do que jamais poderia expressar.

— Sêrio?

— Claro! — respondeu a vovó. — E você é muito, mas muito esperto mesmo. Planejou todo este golpe extraordinário sozinho, tendo apenas onze anos.

— Quase doze — disse Ben.

A vovó deu uma risadinha.

— Bom, você entendeu, querido. Quantas outras crianças da sua idade seriam capazes de planejar algo tão ousado assim?

— Mas agora não podemos mais roubar as Joias da Coroa, então isso tudo foi uma enorme perda de tempo.

— Ainda não acabou — disse a vovó, sacando uma lata de sopa de repolho da bolsa. — Sempre podemos apelar para a boa e velha força bruta!

Ela lhe entregou a lata. Ben a pegou com um sorriso, então foi até as joias.

— Lá vai! — disse ele, levantando a lata para lançá-la no vidro.

— Por favor, não — disse uma voz vindo das sombras.

Ben e a vovó congelaram de pavor.

Será que era um fantasma?

— Quem está aí? — perguntou Ben.

A figura avançou para a luz.

Era a rainha.

Uma audiência com a rainha

— Mas o que diabos você está fazendo aqui? — perguntou Ben. — Hã... Quero dizer, o que a senhora está fazendo aqui, Vossa Majestade?

— Gosto de vir aqui quando não consigo dormir — respondeu a rainha.

Ela falava com aquela sua voz elegante e instantaneamente familiar. Ben e a vovó ficaram surpresos ao vê-la de camisola e pantufas de cogis. Ela usava a coroa de Santo Eduardo, a mais magnífica de todas as Joias da Coroa Britânica. O arcebispo de Canterbury a colocara em sua cabeça quando ela se tornara rainha, em 1953. A coroa, que data de 1661, é feita de ouro e incrustada com diamantes, rubis, pérolas, esmeraldas e safiras.

Era impressionante, até para a rainha!

— Venho aqui para pensar — continuou ela. — Peço a meu motorista que me traga no Bentley lá do Palácio de Buckingham. Vou fazer meu discurso de Natal à nação daqui a algumas semanas e preciso pensar bem no que quero dizer. É mais fácil fazer isso com a coroa na cabeça. A questão é: o que diabos vocês dois estão fazendo aqui?

Ben e a vovó se entreolharam, envergonhados. Levar uma bronca já era chato, na melhor das hipóteses, mas levar uma bronca da rainha alcançara um novo nível de bronca, como demonstra o simples gráfico mais à frente.

— E por que vocês dois estão cheirando a cocô? Hein? — insistiu Sua Majestade. — Estou esperando uma resposta.

— A culpa é toda minha, Vossa Majestade — disse a vovó, fazendo uma reverência.

— Não é, não — disse Ben. — Fui eu que dei a ideia de roubarmos as Joias da Coroa. Eu a convenci a fazer isso.



— É verdade — disse a vovó. — Mas não foi isso o que eu quis dizer. Fui eu que comecei com toda essa história quando fingi ser uma ladra de joias de fama internacional.

— *O quê?* — exclamou Ben.

— Perdão? — disse a rainha. — Estou terrivelmente confusa, devo dizer.

— Meu neto odiava ficar comigo nas noites de sexta-feira — disse a vovó. — Uma noite eu ouvi quando ele telefonou para os pais reclamando que eu era muito chata...

NÍVEIS DE LEVAÇÃO DE BRONCA



— Mas vovó, eu não acho mais isso! — protestou Ben.

— Não tem problema, Ben, sei que as coisas mudaram desde então. E na verdade eu *era* mesmo chata. Só gostava de comer repolho e fazer palavras-cruzadas, e eu sabia lá no fundo que você odiava essas coisas. Então aproveitei algumas histórias dos livros que leio para divertir você. Inventei que era uma famosa ladra de joias chamada de “Gata Negra”...

— Mas e todos aqueles diamantes que a senhora me mostrou? — questionou Ben, chocado e também com raiva por ter sido enganado.

— Não valem nada, querido — respondeu a vovó. — São de vidro. Eu encontrei aquilo em um brechó, dentro de um pote de sorvete.

Ben olhava fixamente para ela. Não podia acreditar. Tudo aquilo, toda aquela história incrível era inventada.

— Não acredito que a senhora mentiu para mim!

— Eu... Eu... — balbuciou a vovó, sem saber o que dizer.

Ben virou-se para ela, encarando-a com raiva.

— Então quer dizer que você não é nenhuma vovó vigarista — concluiu ele.

Então fez-se um silêncio ensurdecedor na Casa das Joias.

Seguido por uma tosse alta, muito grã-fina.

— A-ham — disse uma voz majestosa.

Enforcados e esquartejados

— Lamento muitíssimo por interromper — disse a rainha em seu tom contido. — Mas será que poderíamos voltar ao assunto mais relevante no momento? Ainda não compreendo porque vocês dois estão na Torre de Londres, no meio da noite, cheirando a cocô e tentando roubar minhas joias.

— Bom, depois que começou, a mentira não parou de crescer, Vossa Majestade — continuou a vovó, evitando os olhos de Ben. — Eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto. Só me deixei levar, acho. Era tão bom passar mais tempo com meu neto, nos divertindo... Era como nos velhos tempos, quando eu lia histórias para ele dormir. Isso na época em que ele não me achava chata.

Ben não parava de se remexer, desconfortável. Também estava começando a se sentir culpado. A vovó tinha mentido para ele, o que era horrível... Mas só porque estava triste, chateada por ele achá-la chata.

— Eu também me diverti — murmurou ele.

A vovó sorriu para ele.

— Que bom, meu pequeno Benny. Sinto muito, de verdade...

— A-ham — interrompeu a rainha.

— Ah, sim — disse a vovó. — Então, antes que eu percebesse, as coisas saíram de controle, e começamos a planejar o roubo mais ousado de todos os tempos. Subimos pela tubulação de esgoto, por falar nisso. Normalmente não fedemos assim, Vossa Majestade.

— Sinceramente espero que não.

AAAAAAAAARRRRRRGGGGGGGHHHHH

Ben agora estava se sentindo realmente culpado. Mesmo que sua avó nunca tivesse sido uma ladra de joias de fama internacional, ela com certeza não era chata. Ela havia ajudado a planejar aquele roubo com ele, e agora os dois estavam ali, na Torre de Londres, à meia-noite, conversando com a rainha!

Preciso fazer alguma coisa para ajudá-la, percebeu Ben.

— O roubo foi ideia minha, Vossa Majestade — disse ele. — Sinto muito, muito mesmo.

— Por favor, não castigue meu neto — interferiu a vovó. — Não quero ver sua juventude arruinada. Por favor, eu lhe imploro. Nós íamos devolver as joias amanhã. Verdade!

— Muito plausível — murmurou a rainha.

— É verdade! — exclamou Ben.

— Por favor, faça o que quiser comigo, Vossa Majestade — continuou a vovó. —

Tranque-me aqui na Torre para sempre, se quiser, mas imploro que deixe o menino ir.

A rainha parecia perdida em seus pensamentos.

— Eu não sei bem o que fazer — disse por fim. — Fiquei comovida com sua história. Como sabe, eu também sou avó, e meus netos às vezes me acham chata.

— Sério? — perguntou Ben. — Mas a senhora é a rainha!

— Eu sei — respondeu ela, rindo.

Ben estava pasmo. Nunca tinha visto a rainha rir. Ela normalmente era muito séria, nunca dava um sorriso quando fazia seu discurso de Natal na tevê, ou durante a abertura do Parlamento, nem mesmo assistindo aos números de comédia do *Royal Variety Show*.

— Mas para eles sou apenas a velha chata da vovó — continuou ela. — Eles esquecem que já fui jovem um dia.

— E que também vão ficar velhos um dia — acrescentou a vovó, com um olhar profundo para Ben.

— Justamente, minha cara! — concordou a rainha. — Acho que a geração mais jovem precisa dedicar um tempo maior aos idosos.

— Desculpe, Vossa Majestade — disse Ben. — Se eu não tivesse sido tão egoísta nem reclamado tanto que os velhos eram chatos, nada disso teria acontecido.

Fez-se um silêncio desconfortável.

A vovó remexeu em sua bolsa e ofereceu à rainha um pacotinho de balas.

— Bala de menta, majestade?

— Sim, obrigada — disse a rainha. Ela desembulhou a bala e a jogou na boca. — Nossa, não comia uma dessas há anos.

— São minhas favoritas — disse a vovó.

— E duram tanto na boca — acrescentou a rainha enquanto chupava a sua. Ela então se recompôs e indagou: — Sabem o que aconteceu com o último homem que tentou roubar as Joias da Coroa?

— Foi enforcado e esquartejado? — perguntou Ben, todo empolgado.



— Acreditem ou não, ele foi perdoado — disse a rainha, com um sorriso maroto.

— Perdoado, Vossa Majestade? — repetiu a vovó.

— Em 1671, um irlandês chamado coronel Blood tentou roubá-las, mas foi pego pelos guardas ao tentar fugir. Ele escondeu a coroa, esta mesma que estou usando, embaixo de sua capa, mas a deixou cair no chão ao chegar lá fora. O rei Carlos II achou tanta graça da empreitada ousada que libertou o coronel.

— Preciso procurar isso no Google — comentou Ben.

— Não sei o que isso quer dizer — disse a vovó.

— Nem eu — disse a rainha rindo. — Então, em honra à tradição real, é isso o que vou fazer: perdoar vocês dois.

— Ah, muito obrigada, Vossa Majestade — disse a vovó, beijando a mão da rainha.

Ben caiu de joelhos.

— Obrigado, muito, muito obrigado, Vossa Majestade...

— Está bem, está bem, não precisam se prostrar — disse a rainha, com certa arrogância.

— Não aguento essas reverências. Já vi gente demais baixando a cabeça para mim durante meu reinado.

— Sinto muito, muito mesmo, Vossa Majestosa Majestade Real — disse a vovó.

— É exatamente a isso que me refiro! Você está baixando a cabeça agora mesmo! — reclamou a rainha.

Ben e a vovó se entreolharam, com medo. Era difícil falar com Sua Majestade sem abaixar a cabeça nem que fosse só um pouquinho.

— Agora podem sair daqui bem rápido, por favor — disse a rainha. — Antes que esse lugar seja tomado pelos guardas. E não se esqueçam de assistir ao meu discurso na tevê no Natal...

Polícia armada

Amanhecia quando eles chegaram ao Grey Close. Dessa vez não houve carro de polícia para lhes dar uma carona. Era muito chão a percorrer de Londres até a casa da vovó em um carrinho elétrico. Lá vinham eles, zumbindo pela rua, subindo e descendo os quebra-molas, *bump, bump, bump*, até pararem em frente à casa da vovó.

— Que noite! — exclamou Ben, com um suspiro.

— Ô! Que noite mesmo, caramba! Estou toda quebrada depois de tanto tempo sentada nesta coisa — disse a vovó, erguendo seu corpo velho e cansado do carrinho. — Sabe, Ben, eu sinto muito — disse ela após uma pausa. — Eu não queria mesmo magoar você. É que foi tão bom passarmos um tempo juntos que eu não queria que acabasse.

Ben deu um sorriso.

— Sem problema — disse ele. — Entendo por que a senhora fez isso. E não se preocupe. Ainda é minha vovó vigarista!

— Obrigada — disse a vovó, baixinho. — Bom, acho que hoje tivemos emoções para o resto da vida. Quero que você vá para casa, seja um bom garoto e se concentre nos seus encanamentos...

— Pode deixar. Chega de roubos para mim. — Ele deu uma risadinha.

De repente a vovó congelou.

Olhou para cima.

Ben ouviu o motor de um helicóptero zunindo lá no alto.

— Vovó?

— Shhhh...! — Ela ajustou seu aparelho auditivo e escutou com atenção. — É mais de um helicóptero.

VUF-VUF-VUF-VUF!

O som agudo de sirenes da polícia surgiu de todos os lados, e em instantes eles se viram cercados por policiais fortemente armados. Ben e sua avó não conseguiam mais ver qualquer uma das casas vizinhas por causa do cerco de policiais com coletes à prova de balas. O ronco dos helicópteros da polícia era tão ensurdecedor que a vovó precisou desligar o aparelho auditivo.

De um dos helicópteros uma voz veio de um megafone:

— Vocês estão cercados. Larguem as armas. Repito: larguem as armas ou vamos atirar.

— Não temos arma nenhuma! — gritou Ben.

Como sua voz ainda não tinha mudado, saiu um pouco parecida com a de uma menina.

— Não discuta com eles, Ben. Só levante as mãos! — gritou a vovó em meio ao barulho.



A dupla de vigaristas levantou os braços. Alguns policiais um pouco mais corajosos avançaram, apontando suas armas para Ben e a vovó. Lançaram os dois ao chão e os mantiveram ali.

— Não se mexam! — ordenou uma voz vinda do helicóptero.

Ben pensou: *Como eu poderia me mexer com um policial enorme desses ajoelhado nas minhas costas?*

Uma confusão de mãos cobertas por luvas de couro revistou-os de cima a baixo e revirou a bolsa da vovó, presumivelmente à procura de armas. Se estivessem atrás de lenços de papel usados, seria seu dia de sorte, mas arma mesmo não acharam nenhuma.

Ben e sua avó então foram algemados e postos de pé. De trás do cerco de policiais surgiu um senhor de idade narigudo e usando um chapéu ridículo.

Era o Sr. Parker.

O vizinho enxerido da vovó.

Um saco de açúcar

— Acharam que iam conseguir roubar as Joias da Coroa e sair impunes, não é? — guinchou o Sr. Parker. — Sei tudo sobre o plano maligno de vocês dois. Pois bem, agora está tudo acabado. Policiais, podem levá-los. Tranquem esses dois e podem jogar a chave fora!

Os policiais arrastaram os prisioneiros na direção de duas viaturas que aguardavam ali perto.

— Esperem aí — gritou Ben. — Se roubamos as Joias da Coroa, onde estão elas?

— Sim, é claro! As provas. Só precisamos disso para botar vocês dois, seus vigaristas, atrás das grades para sempre. Procurem na cestinha do carrinho elétrico. Agora! — esbravejou o Sr. Parker.

Um dos policiais meteu a mão na cestinha. Encontrou um pacote grande envolto em filme plástico ensopado.

— Aí está! Devem ser as joias — disse o Sr. Parker, cheio de confiança. — Podem me dar.

Lançando um olhar presunçoso para a vovó e Ben, ele começou a desembulhar o pacote.

Vários minutos se passaram até que o pacote enorme se transformasse em um pacote pequeno. Finalmente, o Sr. Parker chegou ao fim do filme plástico.

— Aqui! Encontramos! — anunciou ele, e uma lata de sopa de repolho caiu no chão.

— Posso ficar com isso, Sr. Parker? — perguntou a vovó. — É meu almoço.

— Revistem a casa dela! — berrou o Sr. Parker.

Alguns policiais tentaram arrombar a porta com os ombros. A vovó ficou olhando, achando graça, antes de intervir:

— Estou com a chave bem aqui, se vocês preferirem!

Um dos policiais foi até ela e, bastante envergonhado, apanhou a chave.

— Obrigado, senhora — disse o policial, educadamente.

A vovó e Ben trocaram um sorriso.

Então ele abriu a porta, e o que pareciam centenas de policiais invadiram a casa. Eles revistaram alucinadamente os cômodos, mas logo saíram de mãos vazias.

— Sinto muito, mas não há nenhuma Joia da Coroa aqui, senhor — disse um dos policiais.

— Só algumas revistas de palavras-cruzadas e mais uma boa quantidade de latas de sopa de repolho.

O rosto do Sr. Parker ficou vermelho de raiva. Ele tinha chamado metade dos policiais do país para nada.

— Olhe, Sr. Parker — disse um dos policiais para ele —, o senhor tem muita sorte de não

o levarmos preso por desperdiçar o tempo da polícia...

— Esperem! — exclamou o Sr. Parker. — Só porque as joias não estão com eles ou na casa não significa que eles não as roubaram. Eu sei muito bem o que ouvi. Procurem... No jardim! Isso! Comecem a cavar!

O policial ergueu a mão, tentando tranquilizá-lo.

— Sr. Parker, não podemos simplesmente...

De repente um brilho de triunfo surgiu nos olhos do vizinho enxerido.

— Esperem aí. Vocês não perguntaram a eles onde passaram a noite. Eu *sei* que foram roubar as Joias da Coroa. E aposto que não têm um álibi para esta noite!

O policial se virou para Ben e a vovó, franzindo a testa.

— Na verdade, isso até faz sentido — disse ele. — A senhora poderia me contar onde estive esta noite?

O Sr. Parker agora estava radiante.

Justo naquele instante, outro policial se aproximou. Havia algo familiar nele, e quando Ben viu seu bigode, soube por quê.

— Chefe, tem uma ligação para o senhor no... — começou Cap. Lorota, segurando um rádio, mas parou de repente ao ver Ben e a vovó. — Ora — disse ele. — Se não é a turma do filme plástico!

— Cap. Barriga! — disse Ben.

— Lorota! — corrigiu o policial.

— Opa, me desculpe, Lorota. É bom revê-lo.

O chefe pareceu confuso.

— Como é?

— O garoto e sua avó. Eles são da Sociedade dos Apreciadores de Filme Plástico. Foram à reunião anual da organização esta noite, em Londres. Na verdade, eu os levei até lá.

— Então eles não estavam roubando as Joias da Coroa? — perguntou o chefe.

— Não! — Cap. Lorota riu. — Estavam realizando uma fusão com a Associação dos Apreciadores de Plástico Bolha. Roubando as Joias da Coroa, ora essa! — Ele sorriu para Ben e a vovó. — Que ideia!

O Sr. Parker estava com o rosto vermelho.

— Mas... Mas... Eles roubaram! São dois vilões, estou dizendo!

Enquanto o Sr. Parker reclamava sozinho sem parar, o chefe pegou o rádio das mãos de Cap. Lorota.

— Sim. Aham. Certo. Obrigado — disse ele, e se virou para Ben e a vovó. — Era da Central de Crimes Especiais. Pedi a eles que verificassem se as Joias da Coroa ainda estavam no lugar. E estão. Sinto muito, senhora. E você também, garoto. Vamos tirar essas algemas de vocês agora mesmo.



O Sr. Parker ficou arrasado, de cabeça baixa e expressão deprimida.

— Não, não pode ser...

— Se eu ouvir mais um pio seu, Sr. Parker... — disse o policial. — Vou fazê-lo passar a noite na cadeia!

E, dizendo isso, ele deu meia-volta e foi até uma das viaturas, seguido pelo Cap. Lorota, que acenou para Ben e para a vovó ao se afastar.

O menino e sua avó se aproximaram do Sr. Parker, suas mãos ainda algemadas.

— O que o senhor ouviu foram apenas histórias — disse Ben. — Só minha avó contando histórias para mim, Sr. Parker. Acho que o senhor se deixou levar pela própria imaginação.

— Mas, mas, mas...! — cuspiu o Sr. Parker.

— Eu? Uma ladra de joias de fama internacional?!

A vovó soltou risadinhas.

Todos os policiais começaram a rir também.

— Só sendo meio doido para acreditar em uma coisa dessas! — disse ela. — Quer dizer, me desculpe, Ben — sussurrou para o neto.

— Sem problema! — sussurrou Ben em resposta.

Os policiais abriram as algemas e voltaram rapidamente para seus carros e vans, deixando o Grey Close em um segundo.

— Lamento por incomodá-la, senhora — disse um dos policiais antes de ir embora. — Tenha um bom dia.

Os helicópteros desapareceram no céu do amanhecer. Quando os rotores aceleraram, o precioso chapéu do Sr. Parker voou de sua cabeça e caiu em uma poça d'água.

A vovó se aproximou dele, que estava parado, sem seu chapéu, diante da casa.

— Se algum dia precisar de um pouco de açúcar emprestado... — disse ela com simpatia.

— Sim...?

— Não bata na minha porta ou vou jogar o saco de açúcar na sua cara — concluiu a avó, com um sorriso meigo.

Luz dourada

O sol tinha nascido e agora banhava o Grey Close com sua luz dourada. Havia gotas de orvalho no chão e uma névoa misteriosa fazia a fileira de casinhas parecer um tanto mágica.

— Bom, então... — disse a vovó, com um suspiro. — É melhor você correr para casa agora, meu jovem Ben, antes que seus pais acordem.

— Eles não ligam para mim — disse Ben.

— Ah, eles ligam, sim — disse a vovó, passando um braço em volta do neto. — Só não sabem como demonstrar isso.

— Talvez.

Ben bocejou o maior bocejo de toda a sua vida de bocejador.

— Nossa, como estou cansado. Esta noite foi incrível!

— Foi a noite mais emocionante de toda a minha vida, Ben. Eu não perderia isso por nada no mundo — disse a vovó, com um grande sorriso, e respirou fundo. — Ah, a alegria de estar viva.

Então seus olhos se encheram de lágrimas.

— A senhora está bem, vovó? — perguntou Ben, com carinho.

Ela escondeu o rosto.

— Estou bem, meu querido, estou mesmo — disse ela, com a voz trêmula de emoção.

De repente Ben percebeu que havia algo muito errado.

— Por favor, vovó, pode me contar.

Ele segurou sua mão. A pele dela era macia, mas desgastada. Frágil.

— Bem... — Ela hesitou. — Eu também contei outra mentira para você, querido.

Ben sentiu seu estômago afundar.

— O que é? — perguntou, e apertou a mão dela para confortá-la.

— Sabe, o médico me deu o resultado dos meus exames na semana passada, e eu disse a você que não havia nada de errado comigo. Eu menti. Estou doente. — Ela fez uma pausa rápida. — A verdade é que estou com câncer.

— Não, não... — disse Ben, com lágrimas nos olhos.

Ele já tinha ouvido falar sobre câncer, o suficiente para saber que podia ser uma doença muito séria, mortal.

— Pouco antes de você esbarrar com o médico no hospital, ele me disse que o meu câncer está... Bem, está bastante avançado.

— Quanto tempo a senhora ainda tem? — soltou Ben. — Ele disse?

— Ele disse que não devo passar do Natal.

Ben abraçou a avó com toda a força, desejando que seu corpo dividisse com ela a força vital que possuía.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Era tão injusto! Ele só chegara a conhecer a avó poucas semanas antes, e agora ia perdê-la.

— Não quero que a senhora morra.

A vovó olhou por um instante para Ben.

— Nenhum de nós vai viver para sempre, meu rapaz. Mas espero que você nunca se esqueça de mim. Sua avó velha e chata!

— A senhora não é nada chata. É uma verdadeira dama do crime! Não esqueça que por muito, muito pouco, não roubamos as Joias da Coroa!

A vovó riu.

— É, mas nem uma palavra a respeito disso com ninguém, por favor. Essa história ainda pode lhe render um monte de problemas. Terá que ser nosso segredinho para sempre.

— E o da rainha! — disse Ben.

— Ah, é! Ela foi mesmo um amor.

— Nunca vou me esquecer da senhora, vovó — disse Ben. — Vai estar para sempre no meu coração.

— Essa é a coisa mais linda que já me falaram — disse a velhinha.

— Amo muito a senhora, vovó.

— Também amo você, Ben. Mas é melhor você ir embora agora.

— Não quero deixar a senhora.

— É muito meigo da sua parte dizer isso, querido, mas se a mamãe e o papai acordarem e não encontrarem você, vão ficar extremamente preocupados.

— Não vão, nada.

— Ah, vão, sim. Agora, Ben, por favor, seja um bom menino.

Ben então ficou de pé com relutância. Ajudou a avó a fazer o mesmo, então a abraçou forte e lhe deu um beijo no rosto. Não se importava com os pelos do seu queixo. Na verdade, ele os adorava.

Adorava os ruídos de seu aparelho auditivo. Adorava o fato de ela cheirar a repolho. E, acima de tudo, adorava o fato de que ela soltava puns e nem sequer se dava conta de que isso acontecia.

Ele adorava tudo nela.

— Tchau — disse ele, baixinho.

— Tchau, Ben.



Sanduíche de família

Quando finalmente chegou em casa, Ben percebeu que o carrinho marrom não estava estacionado na garagem. Ainda era de manhã bem cedo.

Aonde seus pais poderiam ter ido àquela hora?

Mesmo assim, ele subiu pela calha e entrou pela janela do seu quarto.

A subida foi difícil. Ele estava cansado por ter virado a noite em claro, e a roupa de mergulho o deixava mais pesado que o normal.

Ben afastou os exemplares da *Revista do Encanador* para esconder o traje embaixo da cama. Em seguida, fazendo o mínimo de barulho possível, vestiu o pijama e deitou.

Quando estava prestes a fechar os olhos, ouviu o carro entrando rapidamente na garagem e a porta da frente se abrindo. Depois disso, o som de seus pais chorando descontroladamente.

— Procuramos em todos os lugares — disse o pai, fungando. — Não sei o que fazer.

— Foi culpa minha, que burrice — acrescentou a mãe, chorando. — Nunca devíamos ter inscrito Ben no concurso de dança. Ele deve ter fugido de casa...

— Vou ligar para a polícia.

— Sim, temos que ligar. Devíamos ter ligado há horas.

— Temos que botar o país inteiro procurando por ele... Alô, alô, queria falar com a polícia, por favor... É meu filho... Não consigo encontrá-lo...

Ben se sentiu terrivelmente culpado. Seus pais se importavam *sim* com ele, no fim das contas.

E muito.

Ele pulou da cama, escancarou a porta e desceu correndo as escadas até eles. O pai largou o telefone.

— Ah, meu garoto! Meu garoto! — exclamou.

Ele abraçou Ben mais apertado do que jamais o abraçara antes. A mãe também pôs os braços em torno do filho, até que eles viraram um grande sanduíche de família, e Ben era o recheio.

— Ah, Ben, graças a Deus você voltou! — choramingou a mãe. — Onde você estava?

— Com a vovó — respondeu Ben, embora essa não fosse toda a verdade. — Ela está... Sabem, ela está muito doente — disse com tristeza, mas percebeu nos olhos dos pais que isso não era novidade para eles.

— É... — disse o pai, sem jeito. — Infelizmente ela...

— Eu sei — disse Ben. — Mas não acredito que vocês não tenham me contado. Ela é minha avó!

— Eu sei — disse o pai. — E é minha mãe, também. Sinto muito por não ter contado, filho. Não queria deixá-lo chateado...

De repente, Ben percebeu o sofrimento no olhar do pai.

— Está tudo bem, pai — disse ele.

— Eu e sua mãe passamos a noite em claro procurando por você em todo canto — acrescentou o pai, abraçando o filho com ainda mais força. — Nunca teríamos pensado em procurá-lo na casa da sua avó. Você sempre disse que ela era chata.

— Pois é, eu estava errado. É a melhor avó do mundo.

— Que bonito, meu filho. Mas mesmo assim, você ainda podia ter nos avisado aonde ia — disse o pai, sorrindo.

— Eu sinto muito. Depois de decepcionar tanto vocês no concurso de dança, achei que não ligassem para mim.

— Não ligamos para você? — repetiu o pai, com uma expressão de choque. — Nós amamos você!



— Amamos você demais, Ben! — acrescentou a mãe. — Nunca duvide disso. Quem liga para um concurso de dança bobo apresentado pelo Flavio Flavioli? Tenho muito orgulho de você, não importa o que você faça.

— Nós dois temos — acrescentou o pai.

Todos choravam e riam agora, e era difícil saber se as lágrimas eram de tristeza ou de alegria. Na verdade, não importava. Deviam ser uma mistura das duas.

— Vamos à casa da sua avó tomar um chá com ela? — sugeriu a mãe.

— Vamos — disse Ben. — Isso seria legal.

— E eu e seu pai conversamos — disse a mãe, segurando a mão dele. — Encontrei as revistas para encanadores.

— Mas... — disse Ben.

— Está tudo certo — prosseguiu a mãe. — Não precisa ficar envergonhado. Se esse é o seu sonho, corra atrás!

— Sério? — perguntou Ben.

— Claro! — garantiu o pai. — Só queremos que seja feliz.

— Só que... — prosseguiu a mãe. — Eu e seu pai achamos que, se a carreira de encanador não der certo, é importante que você tenha um plano B...

— Plano B? — perguntou Ben.

Ele não entendia mesmo os pais. E agora menos ainda.

— É — disse o pai. — E como sabemos que dança de salão não é a sua...

— Não mesmo — confirmou Ben, aliviado.

— Então o que acha de patinação artística? — perguntou a mãe.

Ben olhou fixamente para ela.

Por um longo momento a mãe apenas o olhou de volta, mas depois não resistiu mais e caiu na gargalhada. Logo o pai também estava rindo, e, apesar de ainda haver lágrimas em seu rosto, Ben não resistiu e fez o mesmo.

Silêncio

Depois disso, as coisas ficaram muito melhores entre Ben e seus pais. O pai chegou a ir a uma loja de ferragens com ele e comprou algumas ferramentas de encanador, e os dois passaram uma tarde muito agradável desmontando um sifão.

Mas então, uma semana antes do Natal, os três receberam um telefonema tarde da noite.

Algumas horas depois, Ben e seus pais estavam reunidos em torno da cama da vovó. Ela estava no hospital, em uma área reservada a pacientes já sem chance de cura. Ela tinha pouco tempo de vida. Horas, talvez. As enfermeiras disseram que ela podia partir a qualquer instante.

Ben estava sentado ao lado da cama da avó, muito tenso. Apesar de ela estar de olhos fechados e incapaz de falar, estar sentado naquele lugar com ela era uma experiência incrivelmente intensa.

O pai andava de um lado para outro ao pé da cama, sem saber o que fazer ou dizer.

A mãe estava apenas sentada, sentindo-se impotente.

Ben simplesmente segurava a mão da avó.

Não queria que ela mergulhasse na escuridão sozinha.

Eles ouviam a respiração difícil dela. Era um som horrível, mas havia apenas um som pior que esse.

O silêncio.

Pois significaria que ela havia falecido.

Então, para a surpresa de todos, a vovó lentamente abriu os olhos. Ela sorriu ao ver os três.

— Estou... Faminta — falou, com a voz fraca.

Então enfiou a mão embaixo do lençol e pegou um embrulho de filme plástico, que começou a desenrolar.

— O que é isso? — perguntou Ben.

— Só uma fatia de bolo de repolho — disse a vovó com dificuldade. — Para falar a verdade, a comida aqui é *horrível*.

Pouco depois, os pais de Ben foram comprar um café. Ben não queria sair do lado da avó nem por um segundo. Ele pegou a mão dela: estava seca e muito leve.

Lentamente a vovó se virou para olhar para ele. O tempo dela estava se esgotando, e Ben podia perceber isso. Ela piscou para ele.

— Você sempre vai ser meu pequeno Benny — murmurou a vovó.

Ben se lembrou de como antes odiava ser chamado assim. Agora adorava.

— Eu sei — disse ele, com um sorriso. — E a senhora vai ser para sempre minha Vovó Vigarista.

* * *

Mais tarde, depois que a avó finalmente partira, Ben estava em silêncio no banco de trás do carro de seus pais enquanto voltavam para casa. Todos estavam cansados de chorar. Enquanto isso, muitas pessoas faziam suas compras de Natal. As ruas estavam cheias de carros e havia uma fila enorme na porta do cinema. Ben não conseguia acreditar que a vida seguia normalmente quando algo tão grave e importante tinha acabado de acontecer.

Eles viraram uma esquina e se aproximaram de algumas lojas.

— Posso dar uma passada no jornaleiro, por favor? — pediu Ben. — Não vou demorar.

O pai estacionou o carro. Como nevava um pouco, Ben foi sozinho até a banca de Raj.

— Ah, o jovem Ben! — exclamou Raj. Então o jornaleiro percebeu a expressão triste no rosto do menino. — Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, Raj... — respondeu Ben. — Minha avó acabou de morrer.

Por algum motivo, dizer isso o fez recomeçar a chorar.

Raj saiu correndo de trás do balcão e lhe deu um grande abraço.

— Ah, Ben, sinto muito. Eu não a via fazia algum tempo, imaginei que não estivesse bem.

— Não. E eu só queria dizer, Raj... — disse Ben, entre soluços — ...Muito obrigado por me dar aquela bronca outro dia. Você tinha razão, ela não era nada chata. Era maravilhosa.

— Minha intenção não era dar uma bronca, meu jovem. Só pensei que você provavelmente nunca tinha parado para conhecer melhor sua avó.

— Você tinha razão. Havia coisas sobre ela que eu jamais poderia imaginar.

Ben limpou as lágrimas na manga do casaco.

Raj começou a procurar algo na loja.

— Eu sei que tenho lenços de papel em algum lugar. Onde estão? Ah, sim, bem embaixo das figurinhas de futebol. Pronto, tome.

O jornaleiro abriu a caixa de lenços e a deu a Ben. O garoto secou os olhos.

— Obrigado, Raj. São dez caixas de lenços pelo preço de nove? — perguntou ele, com um sorriso.

— Não, não, não! — Raj riu.

— Quinze pelo preço de catorze?

Raj pôs a mão no ombro de Ben.

— Você não entendeu — disse ele. — É por conta da casa.

Ben ficou olhando para ele. Em toda a história do universo, ninguém nunca soubera de Raj ter dado alguma coisa de graça algum dia. Era inimaginável. Era loucura. Era... Era mais um motivo para chorar, se Ben não se segurasse.

— Muito obrigado, Raj — disse ele rapidamente, entre soluços. — É melhor voltar para o

carro, meus pais estão me esperando lá fora.

— Claro, claro, mas espere só um momento — disse Raj. — Tenho um presente de Natal para você em algum lugar aqui, Ben. — Ele começou a fuçar no meio de outras coisas na banca atulhada. — Mas onde está?

Os olhos de Ben se iluminaram. Ele adorava presentes.

— Sim, sim, está bem aqui atrás dos ovos de Páscoa. Encontrei! — exclamou Raj, exibindo um saco de balas de menta.



Ben ficou um pouco decepcionado, mas fez o possível para disfarçar.

— Uau! Obrigado, Raj — disse ele, fazendo sua melhor atuação de peça de escola. — Um saco inteiro de balas de menta!

— Não, só uma bala — disse Raj, que abriu o saco, pegou uma pastilha e a entregou a Ben. — Eram as preferidas da sua avó.

— Eu sei — disse Ben com um sorriso.

O andador

O enterro foi na véspera de Natal. Ben nunca tinha ido a um funeral antes e achou aquilo bizarro. Com o caixão perto do altar, as pessoas tentavam cantar hinos religiosos que não cantavam fazia séculos, e um vigário que nunca conhecera a vovó fez um discurso entediante sobre ela.

Não era culpa do vigário, mas ele podia estar falando sobre qualquer outra velhinha que tivesse acabado de morrer. Em uma voz monótona e chatíssima, ele discorreu sobre como ela gostava de visitar igrejas antigas e como era boa com os animais.

Ben tinha vontade de gritar. Queria dizer a todo mundo, a seus pais, seus tios e tias, a todos que estavam ali, que avó incrível ela tinha sido. Que as histórias que ela contava eram as mais maravilhosas.

E, acima de tudo, queria contar a eles sobre a aventura maravilhosa que os dois tiveram juntos, como haviam conhecido a rainha e quase roubado as Joias da Coroa.

Mas ninguém acreditaria nele. Ben tinha apenas onze anos. Achariam que ele tinha inventado tudo.

* * *

Quando chegaram em casa, a maioria das pessoas que estava na igreja tinha ido para lá. Tomaram xícara após xícara de chá e comeram vários pratos de sanduíches e salgadinhos de salsicha. A decoração de Natal parecia estranha em um momento tão triste. No início as pessoas conversaram sobre a vovó, mas logo estavam fofocando e falando de outras coisas.

Ben se sentou sozinho no sofá e ficou ouvindo os adultos falarem. Vovó deixara todos os seus livros para ele, agora estavam atulhando seu quarto, em várias e enormes pilhas. Ben estava tentado a se esconder atrás delas.

Depois de algum tempo uma senhora de idade de ar simpático atravessou a sala com a ajuda de seu andador e se sentou ao lado dele no sofá.

— Você deve ser Ben. Não deve se lembrar de mim — disse a senhora.

Ben olhou para ela por um instante.

A senhora tinha razão: ele não se lembrava.

— A última vez que vi você foi em seu aniversário de um ano — continuou ela.

Por que será que eu não me lembro?!, pensou Ben.

— Sou Edna, prima da sua avó — disse ela. — Sua avó e eu brincávamos juntas quando meninas, na época em que tínhamos mais ou menos a sua idade. Eu levei um tombo há alguns

anos e não conseguia ficar sozinha, então me botaram em um asilo para idosos. Sua avó era a única pessoa que ia me visitar.

— É mesmo? Achávamos que ela nunca saía de casa — comentou Ben.

— Bem, ela me visitava uma vez por mês. Não era fácil para ela, que precisava pegar quatro ônibus diferentes. Eu ficava extremamente grata.

— Ela era muito especial.

— Era mesmo. Incrivelmente simpática e solícita. Não tenho filhos, sabe, por isso eu e sua avó sentávamos no salão do asilo e ficávamos horas fazendo palavras-cruzadas juntas.

— Palavras-cruzadas?

— É. Ela me contou que você também gostava — disse Edna.

Ben não conseguiu evitar um sorriso.

— É, eu adorava — disse ele.

E, para sua surpresa, ele se deu conta de que não estava mentindo. Olhando para trás, ele realmente adorava aqueles momentos. Agora que sua avó se fora, cada momento passado com ela parecia precioso. Mais precioso até que as Joias da Coroa.

— Ela não parava de falar em você — prosseguiu Edna. — Sua querida avó dizia que você era a luz da vida dela. Dizia que esperava ansiosamente pelas sextas-feiras, que era o dia que você passava com ela. Era a melhor parte da semana.

— Era a melhor parte da minha semana também.

— Sabe, se você gosta de palavras-cruzadas, apareça no asilo um dia para fazermos juntos — disse Edna. — Preciso de um novo parceiro, agora que sua avó se foi.

— Seria bem legal.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto seus pais assistiam ao especial de Natal de *Dançando com Superestrelas*, Ben saiu pela janela do quarto e desceu pela calha. Sem fazer nem um barulhinho, tirou a bicicleta da garagem e pedalou pela última vez até a casa da avó.

Nevava. As rodas da bicicleta trituravam o gelo no chão. Ben ficou olhando os floquinhos brancos descerem até aterrissarem suavemente no solo, mal prestando atenção no caminho. Ele agora sabia chegar lá de olhos fechados. Tinha pedalado até a casa dela tantas vezes nos meses anteriores que conhecia cada quebra-molas e cada rachadura no asfalto.

Parou a bicicleta diante do pequeno chalé da avó. Havia uma camada de neve cobrindo o telhado. Uma pilha de correspondências esperava diante da porta, todas as luzes estavam apagadas e havia uma placa de “Vende-se” no jardim, com pingentes de gelo grudados na madeira.

Ainda assim, Ben meio que esperava ver sua avó na janela.

Olhando para ele com aquele sorrisinho esperançoso.

Mas é claro que ela não estava lá. Tinha partido para sempre.

Mas não tinha partido de seu coração.

Ben enxugou uma lágrima, respirou fundo e voltou para casa.

Com certeza ele tinha uma história maravilhosa para contar aos netos um dia.

Epílogo

— O Natal é uma época especial do ano — dizia a rainha.

Ela estava séria como sempre, sentada majestosamente em uma poltrona antiga no Palácio de Buckingham. Mais uma vez mandava sua mensagem de fim de ano à nação.

Ben e seus pais tinham acabado de terminar o almoço de Natal e estavam sentados bem juntinhos no sofá com canecas de chá enquanto assistiam à rainha na tevê, como faziam todos os anos.

— Uma época para as famílias se reunirem e celebrarem — prosseguiu Sua Majestade. — Entretanto, não podemos nos esquecer dos mais velhos. Há algumas semanas, conheci uma senhora mais ou menos da minha idade e seu neto, na Torre de Londres.

Ben se remexeu no sofá, inquieto.

Olhou para os pais, mas eles continuavam à assistir a tevê, sem perceber nada.

— Isso me fez pensar em como os jovens devem mostrar mais bondade com os idosos. Você, jovem que está me assistindo agora, quem sabe possa ceder seu lugar no ônibus para um idoso. Ou ajudá-lo a carregar as compras. Fazer palavras-cruzadas conosco. Por que não nos dar um saquinho de balas de menta de vez em quando? Nós, idosos, adoramos balas de menta. E acima de tudo, jovens deste país, quero que vocês se lembrem disto: nós, pessoas de idade, definitivamente não somos chatas. Nunca se sabe, um dia ainda poderemos até surpreendê-los.

Então, com um sorriso travesso, a rainha levantou a saia diante de todo o país e mostrou suas calças com a bandeira do Reino Unido.



A mãe e o pai de Ben cuspiram o chá por todo o carpete, embasbacados.
Mas Ben apenas sorriu.

A rainha é uma velhinha vigarista, pensou. Igual à minha avó.



Sobre o autor

DAVID WALLIAMS é ator, roteirista e autor premiado. Considerado um fenômeno da literatura infantojuvenil na Inglaterra, recebeu em 2012 o National Book Awards de Melhor Livro Infantil, e suas obras já foram traduzidas para mais de vinte e cinco idiomas. *Vovó vigarista* é sua estreia no Brasil.